

**CLÁUDIA MARA BERTOLINI
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**

**GINÁSTICA GERAL NA ESCOLA:
uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino**

Campinas

2005

Cláudia Mara Bertolini

GINÁSTICA GERAL NA ESCOLA:

uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino

“Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado, defendida por Cláudia Mara Bertolini e aprovada pela Comissão Julgadora em 16 de fevereiro de 2005”

Profa. Dra. ELIZABETH PAOLIELLO MACHADO DE SOUZA

Campinas

2005

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

B462g Bertolini, Cláudia Mara
Ginástica geral na escola: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino / Cláudia Mara Bertolini. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientador: Elizabeth Paoliello Machado de Souza.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Ginástica. 2. Educação física escolar. I. Souza, Elizabeth Paoliello Machado de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. ELIANA AYOUB

Profa. Dra. SILVANA VENÂNCIO



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente à Profa. Dra. *Elizabeth Paoliello Machado de Souza*, minha luz profissional. Durante muito tempo tentei entender o que a tornava tão especial, tão querida. Acredito que só agora, depois de x anos de convivência, consegui compreender o que me encanta nela: sua infinita capacidade de acreditar no ser humano. Ela sempre soube como ninguém tirar o melhor de mim, ouvir pacientemente os meus devaneios e entender as minhas loucuras gímnicas. Nunca perdeu a esperança nesta aluna, mesmo quando eu mesma não já acreditava mais. Com ela aprendi a melhor de todas as equações matemáticas: dividir é multiplicar. Obrigada.



AGRADECIMENTOS

Amélia, por me ensinar a viver de uma forma mais intensa e plena.

Maurício, por compartilhar comigo parte da minha vida e a alegria de nossa filha.

Minha família, meu porto seguro, e em especial ao meu irmão **Humberto**, por toda a sua ajuda moral e técnica.

Minha mãe Elza, por sua eterna compreensão e essencial auxílio nos cuidados com minha filha.

Silvana, por acreditar em mim e ter ajudado a iniciar a vida acadêmica, através de sua iniciativa, liderança e força. Obrigada.

Nana, minha comadre e companheira de dúvidas cruéis sobre sono, fraldas, babás e bebês. Viva Nana Neném!

Conrado e Laércio, que através de nossas calorosas discussões e brigas intermináveis sobre a educação física, fazem com que eu ame e acredite cada vez mais na nossa profissão. Adoro brigar e conversar com vocês dois!

Gicca, por me ajudar tanto na reta final deste trabalho.

GGU, minha eterna escola e a todos seus integrantes.

Bia, ATP da DER/Leste pelo seu apoio fundamental.

Aos professores da DER/Leste que muito auxiliaram participando deste projeto, em especial à **Fernanda**, uma aluna muito competente.

BERTOLINI, Cláudia Mara. **Ginástica Geral**: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino. 2005. 142 f. Dissertação. Mestrado em Educação Física- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2005.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo a ginástica geral, uma atividade corporal, que pode ser desenvolvida em qualquer situação de ensino formal ou não formalizado. Tomando como base a experiência em uma escola da rede particular de ensino da cidade de Campinas – SP foi desenvolvido uma metodologia própria para a ginástica geral na comunidade escolar. Este estudo teve como objetivo principal verificar se, através de um conjunto de ações interligadas, a viabilidade do desenvolvimento desta metodologia seria possível também na rede pública de ensino. Com o respaldo em uma resolução estadual e a colaboração da Diretoria Regional Leste de Ensino de Campinas que mobilizou seus professores desenvolvemos este projeto ao longo do ano de 2002. Este processo compreendeu uma palestra de apresentação da proposta, um curso de capacitação, visitas de acompanhamento às escolas participantes, um festival de apresentação das coreografias criadas e depoimentos de professores. Podemos confirmar a partir dos dados coletados que, a ginástica geral é uma atividade que não só pode, como deve, ser desenvolvida também na rede pública de ensino.

Palavras-chave: ginástica, ginástica geral, educação física escolar

BERTOLINI, Cláudia Mara. **General Gymnastics**: a pedagogical proposal developed at the public educational system. 2005. 142 f. Dissertação. Mestrado em Educação Física- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2005.

ABSTRACT

This research had as object of study the general gymnastics, a bodily activity, which may be developed in any situation of formal or not formal teaching. Having as a base the experience at a private educational system school in the city of Campinas – São Paulo – Brazil, a proper methodology was performed for the general gymnastics development in the school community.

That study had as its main objective to check out if, through a set of interconnected actions, the feasibility of that methodology development would be also possible at the public educational system. Based on a state legislation and having the cooperation of the “Diretoria Regional Leste de Ensino de Campinas” (East Regional Teaching Board of directors from Campinas), which mobilized its teachers, this project was developed along the proposal, a course of capability, appreciative visits at the participant schools, a festival for the presentation of the created choreographies and general gymnastics is a activity, which not only can, must be developed at the public educational system.

Key words: gymnastics, general gymnastics, scholastic physical education



SUMÁRIO

“GINASTICANDO”	19
A GINÁSTICA GERAL NO INSTITUTO EDUCACIONAL PARTHENON	26
A utilização de materiais na ginástica geral	29
Os conhecimentos	31
Desenvolvimento da ginástica geral no Parthenon	33
As estratégias	36
O programa de aula	39
O evento	42
O papel da apresentação na ginástica geral	42
A programação	44
O planejamento	47
Iniciando a montagem da coreografia	47
Definindo materiais	50
Definindo a música	52
O espaço	53
Vestuário	55
Movimentos	55
Formações	55
ATENÇÃO: PROFESSORES NA QUADRA, GINÁSTICA GERAL EM AÇÃO!	57
CURSO	58
1º encontro	59
Análise do questionário	63
2º encontro	65
Construindo materiais para a prática da ginástica geral	70
A construção de arcos	73
A construção de barangandão	74
3º encontro	76

Danças circulares	78
4º encontro	80
Ginástica geral e a cooperação – traçando paralelos...	82
Exercícios com pára-quadras	84
5º encontro	84
6º encontro	94
7º encontro	96
8º encontro	101
VISITAS	102
FESTIVAL	111
DEPOIMENTOS	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	126



LISTAS DE ANEXOS, FIGURAS E QUADROS

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Resolução – 142, de 14 – 12 – 2001	127
ANEXO 2	Questionário	130
ANEXO 3	Regulamento do festival	131
ANEXO 4	Termo de compromisso	135
ANEXO 5	Roteiro de perguntas dos depoimentos	136
ANEXO 6	Atividades rítmicas complementares	137

LISTA DE FIGURAS:

Fig. 1 e 2.	Atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – circuito de atividades com cooperação e malabares	37
Fig. 3 e 4.	Atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – fitas e circuito com materiais variados	37
Fig. 5 e 6	Atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – deslocamentos e fitas	38
Fig. 7 e 8	Atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – colchões	39
Fig. 9 e 10	Atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – colchões	39
Fig. 11 e 12	Registros feitos após as aulas de educação física no Parthenon	40
Fig. 13	Apresentação dos alunos na aula de educação física – fitas	42
Fig. 14 e 15	Exemplos de materiais não tradicionais utilizados em apresentações de ginástica geral no Parthenon – caixas de papelão	51
Fig. 16 e 17	Exemplos de materiais não tradicionais utilizados em apresentações de ginástica geral no Parthenon – guarda-chuva e pára – quedas	52
Fig. 18	Professoras da rede estadual realizando atividade de espelho	65
Fig. 19	Professores em composição de deslocamentos variados	66
Fig. 20	Professores da rede pública realizando atividades com arcos	68
Fig. 21 e 22	Alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – latas, tocos de madeiras e bolas de malabares	70
Fig.23 e 24	Alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – carrinhos e elásticos	71
Fig. 25 e 26	Alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – carrinhos e mesas	71
Fig. 27 e 28	Alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – perna de pau e saquinhos	72

Fig. 29	Aluno brincando com o barangandão	74
Fig. 30	Alunos construindo o barangandão	75
Fig. 31	Atividade de deslocamento	77
Fig. 32	Atividades realizadas pelos professores do curso com o pára- quedas	80
Fig. 33.	Professores assistindo vídeos de ginástica geral	81
Fig. 34.	Churrasco de confraternização	81
Fig. 35.	Pára-quedas	84
Fig. 36.	Dança dos círculos concêntricos	89
Fig. 37.	Professores realizando elementos da ginástica acrobática	90
Fig. 38.	Professores realizando atividades de exploração do macarrão	92
Fig. 39.	Atividades de deslocamento	94
Fig. 40.	Atividades de deslocamento	97
Fig. 41.	Professores na montagem da coreografia com macarrão	97
Fig. 42 e 43.	Grupo de ginástica geral da Escola B	103
Fig. 44 e 45.	Grupo de ginástica geral da Escola B	104
Fig. 46 e 47.	Grupo de ginástica geral da Escola C	105
Fig. 48.	Sala de materiais de educação física da Escola C	106
Fig. 49 e 50.	Grupo de ginástica geral da Escola D	107
Fig. 51.	Sala de materiais de educação física Escola D	107
Fig. 52 e 53.	Grupo de ginástica geral da Escola D	108
Fig. 54 e 55.	Grupo de ginástica geral da Escola F	110
Fig. 56 e 57.	Sala de materiais de educação física da Escola F	111
Fig. 58 e 59.	Apresentações realizadas no festival	111
Fig. 60 e 61.	Apresentações realizadas no festival	112

LISTA DE QUADROS:

Quadro 1.	A ginástica geral na educação física do Parthenon	34
Quadro 2.	Exemplo de uma programação de um evento	45
Quadro 3.	Grupos integrantes de uma única coreografia no Parthenon	49
Quadro 4.	Sistema de plaquetas x e y – esquema utilizado para localização de lugares em uma coreografia de média e grande área	54
Quadro 5.	Exemplos de possibilidades de formações coreográficas	56
Quadro 6.	Principais diferenças entre uma apresentação de uma coreografia em um evento de ginástica competitiva e de ginástica geral	83
Quadro 07.	Grupos participantes do I Festival de ginástica geral DER/Campinas Leste em 2002	113



“GINASTICANDO”

A minha história com a ginástica não se diferencia muito de todas as outras que já ouvi, se não fosse por um detalhe que se mostrará fundamental ao longo desta dissertação: uma fita vermelha dançando na escuridão.

Ao contrário de outras pessoas privilegiadas, não guardo na minha memória nada da minha vida escolar até a quarta série. Só me lembro, na primeira série, minha professora dando uma nota zero no meu caderno por estar escrevendo a escala numérica ao contrário. Por ser sinistra, descobri anos depois, que ao invés de escrever da esquerda para a direita era muito mais fácil da direita para a esquerda. E assim ficaram meus números: 10, 9, 8, ... e com eles, o maior de todos em vermelho, no meio da folha, um zero. Este zero, rubricado pela primeira professora, tornou-se o buraco negro engolindo tudo, doces lembranças ou amargas experiências.

Saindo das trevas das minhas memórias surge uma fita vermelha, toda dançante nas minhas mãos oferecida por uma professora de educação física. Foi a descoberta do mundo, como alguém poderia ter inventado uma coisa tão linda? Apesar de ter tido contato com ela apenas uma vez, ela ficou lá na minha memória dançando de um lado para o outro no meio daquela escuridão.

Cinco anos depois, estava passeando no Parque Portugal, em Campinas – SP, quando ouvi uma música de piano bem alta e fui atrás daquele som. Entrei no ginásio do Taquaral e lá estava, a fita, não era vermelha, mas era muito mais dançante do que eu jamais poderia ter imaginado. Apaixonei-me, queria fazer aquilo de qualquer jeito. Era o campeonato brasileiro de ginástica rítmica desportiva de 1979. E a partir deste momento minha história torna-se muito parecida com a de todas as minhas amigas ginastas.

Fui para o Clube Campineiro de Regatas e Natação atraída pela modalidade oferecida pelo clube. Minha primeira professora foi a profa. Elizabeth Paoliello, que desde então, acompanha-me neste caminho. Como resultado desta longa parceria é, para a minha alegria, orientadora não só nesta dissertação de mestrado, como em todos os passos na minha vida profissional. Pouco tempo depois, graças à minha flexibilidade, que outrora era muito boa, passei a fazer parte da equipe adulta do clube.

Com toda sinceridade, com um olhar bem mais maduro, fui uma atleta medíocre. Gostava de me apresentar, de fazer parte do grupo, de viajar, enfim, da liberdade

que a ginástica me proporcionava. Mas detestava treinar, competir, decorar série. Mesmo assim, achava-me boa. Tinha algumas coisas que eu fazia bem: saltos bem impulsionados, velocidade de movimentação, troca de material de mãos durante a série inteira e elevações de pernas mostrando a minha flexibilidade. Com esses atributos entrava na quadra, colocavam a música e eu, que havia apenas treinado o movimento inicial e o final, ficava “ginasticando” de lá pra cá, nos 12 por 12 metros, toda feliz até a música acabar. Com esta série de talentos consegui seduzir várias árbitras e a minha técnica Salete Cipriano. Se eu me achava boa, por que elas haveriam de discordar? Com isto ganhei algumas medalhas e um ou outro título.

O bom da ginástica era fazer parte de um grupo, descobrir a própria identidade no meio de outras meninas e com elas compartilhar sonhos e muitas alegrias. A ginástica teve o poder de me tirar da escuridão e de trazer a luz através da música (mais das vozes do que do piano), do movimento (mais do social do que do físico) e de proporcionar a explosão de uma energia que estava dentro de mim. Foi através da ginástica que pude descobrir quem sou. Durante muito tempo, eu e ela nos misturamos e através de tudo que ela me proporcionou durante um longo período eu fui a própria ginástica. Éramos sinônimos.

Mas o tempo passou e com ele a prática da ginástica competitiva tornaram-se cada dia mais difícil, dolorosa e menos importante. Os treinos não combinavam mais com os meus desejos. Foi o momento de cursar a faculdade, das (in)decisões profissionais e pessoais, e a ginástica ficou ali em um cantinho esperando docemente (ou seria impacientemente...) sua hora de voltar à tona ou melhor à quadra. Durante o curso de educação física cheguei a participei de alguns torneios universitários de ginástica rítmica desportiva e tive muitas experiências na novíssima ginástica aeróbica, que estava surgindo na época. Na verdade, eu queria fazer o que gostava e havia treinado por bastante tempo.

Mas como voltar a “*ginástica*” só as coisas boas? Antes que me perguntem o que isto significa e neste momento da história a ginástica geral ainda não era uma realidade

concreta, “*ginastical*” coisas boas significava na época, poder se apresentar para um público, com um grupo de amigos sem nenhuma intenção competitiva. Seria algo como “*ginastical*”¹ por prazer. Mas era impossível, deveríamos nos conformar com o título de ex-ginastas do Regatas e tentar encontrar o passo na aeróbica nas academias.

Uma nova perspectiva começou a surgir com o I Curso Internacional de Ginástica Geral oferecido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e por outras entidades. Minha amiga Adriana Pitta e eu estávamos presentes e ficamos realmente maravilhadas com aquilo. Queríamos fazer aquela ginástica, trabalhando com materiais variados e inusitados, com muita música, com a possibilidade de reunir um grupo heterogêneo, enfim “*reginastical*” apenas com o melhor que a ginástica poderia oferecer. Isto significava abolir toda e qualquer competição, treinos chatos e repetitivos, dietas malucas, enfim tudo o que éramos submetidas nos tempos de atleta. Compartilhamos com a profa. Elizabeth Paoliello o que havíamos vivenciado em Rio Claro durante aqueles dias. Não sei se por coincidência ou não, em julho de 1989 foi realizada a primeira reunião de um grupo de ex-ginastas, o primeiro Grupo Ginástico Unicamp (GGU). Por sermos ex-ginastas e bailarinas, a ginástica rítmica, a ginástica artística e a dança exerceram uma forte influência nas composições coreográficas.

Uma nova etapa vigorosa da minha vida. Voltei a viver ginástica, de uma forma plena. A ginástica geral agora direcionava o lazer da minha vida e também orientava os rumos da minha atuação como profissional. Fazer parte do GGU e principalmente ter tido a oportunidade de participar de vários eventos de ginástica geral no Brasil e no exterior, com certeza fizeram com que eu enxergasse toda e qualquer atividade física de uma forma diferenciada. Não sei se melhor ou pior, apenas diferente. Não excluo ou nego a ginástica ou qualquer outro esporte de competição, apenas não enxergava até este momento a possibilidade real de uma ginástica ou esporte para todos aqueles que desejassem.

O início do Grupo Ginástico Unicamp coincide exatamente com o meu ingresso como profissional na área da educação física escolar. Mas o conceito desta nova

¹ “*ginastical*”- este verbo não existe em nenhum dicionário da língua portuguesa. A expressão correta é praticar, fazer ginástica. Mas vou adotar a partir deste momento, esta expressão como sinônimo do “*turn*” alemão, algo como fazer da ginástica parte de um estilo de vida, adotado como uma prática de atividade física para manutenção da saúde, aliada ao prazer e à sua história de vida.

atividade ainda não estava claro. Precisávamos vivenciar mais esta nova ginástica.

Comecei a ministrar aulas de educação física no Instituto Educacional Parthenon, em Campinas – SP, e a primeira experiência com ginástica foi a partir de uma solicitação de uma apresentação para a abertura da 1ª Feira de Ciências do colégio. Optamos por uma apresentação de ginástica rítmica. Reunimos inicialmente cerca de 60 meninas para participar de uma coreografia com fita. Todas muito animadas, mas que com o passar do tempo foram ficando desmotivadas. Os movimentos com a fita de 6 metros eram muito difíceis, comprar uma roupa específica para a apresentação muito caro, treinar só aquilo era entediante, a escola não podia investir em 60 estiletes². Das 60 sobraram apenas 16 meninas. Como professora este fato foi muito frustrante e para algumas alunas que ficaram de fora uma decepção.

Em 1991, o GGU embarcou para a sua primeira World Gymnaestrada³ na Holanda e aquele “novo” conceito de ginástica se encaixava nas minhas concepções perfeitamente como o conceito de ginástica para a escola que eu estava trabalhando. A possibilidade de utilizar materiais alternativos e baratos, além do conjunto de regras simples que caracterizam a modalidade potencializava a adesão de um maior número de participantes nas apresentações.

Ninguém volta igual de uma Gymnaestrada. E assim foi, ao retornarmos ao Brasil, mudamos os focos de nossos olhares, deixamos momentaneamente os ginásios e salas fechadas e passamos a ver o mundo, começamos a enxergar ginástica, o movimento em tudo. Objetos do cotidiano passaram a ganhar vida, a dançar na nossa frente. Novos olhares. Até as pessoas passamos a ver de forma diferente. Alunos passam a ser colaboradores do trabalho e não agentes passivos da aprendizagem. Voltamos animadíssimos.

No Instituto Educacional Parthenon lançamos a proposta de realizar uma grande abertura da olimpíada, que a partir de 1991, passou a acontecer de dois em dois

² Estilete – material da ginástica rítmica que serve para fixar a fita. É através do estilete que a ginasta consegue realizar os movimentos e dar vida à fita.

³ World Gymnaestrada ou Gymnaestrada Mundial – é um festival promovido de quatro em quatro anos pela FIG, a qual apropriou-se das manifestações socioculturais que aconteciam naturalmente por toda a Europa. É atualmente o evento máximo da GG.

anos. Como era uma nova atividade da cultura corporal a ser introduzida na escola tivemos inicialmente dificuldade em fazer com que todos participassem de uma coreografia de ginástica. Então procuramos trilhar caminhos alternativos e iniciar uma proposta para que todos estivessem acostumados com a idéia e participassem de livre e espontânea vontade das aulas e apresentações de ginástica.

A cada nova edição fomos nos sofisticando e criando estratégias de organização e participação. O que nos motivava e nos motiva até hoje a realizar o trabalho era o desafio profissional, a participação maciça dos alunos, o entusiasmo e a magia do espetáculo em si. Queríamos proporcionar aos nossos alunos uma vivência única, em que prevalecesse o espírito de cooperação, um grande conagraçamento.

As impressões que marcam as pessoas que participam de atividades que envolvam grandes grupos parecem atemporais. O Prof. Pedro Stucchi Sobrinho⁴ relatou a sensação de ter participado de uma apresentação de ginástica:

...em 1940 ou 1941, não me lembro bem, desfilei pela escola na inauguração do Pacaembu. Olha, eu conhecia campos de futebol, mas quando nós entramos na pista, que vimos aquele mundo de gente, colorido e maravilhoso...(Fiorin, 2002, p. 77)

É como se através de suas palavras pudéssemos ler os sentimentos de todos aqueles que tiveram o privilégio de participar de um evento de ginástica geral. Seria assim como ler as memórias (agora permeadas de luz) de quem participou de uma Gymnaestrada ou mesmo dos meus alunos ao participarem das atividades na escola.

Mas estas experiências estavam ainda restritas a um pequeno universo. E o adjetivo pequeno definitivamente não combina com a ginástica geral. Quem trabalha com ginástica geral gosta de outros adjetivos, aqueles que ampliam o universo de atuação. São aqueles, que aliados aos devidos substantivos, dão a proporção exata desta atividade: muitos participantes, grande área, materiais sensacionais, muita animação, emoção, extrema inclusão, grande público. A ginástica geral seria algo como o superlativo da ginástica.

Toda essa experiência vivida como praticante de ginástica geral e como

⁴ Prof. Pedro Stucchi Sobrinho – professor de educação física formado pela USP, lecionou no Colégio Culto à Ciência na cidade de Campinas e exerceu um papel fundamental na história da ginástica da cidade. Ler Fiorin (2002)

professora de escola instigou-me a querer ampliar, espalhar este conhecimento. Se a experiência era positiva em uma escola, este sucesso poderia se repetir em outras escolas? Existia uma metodologia que permeava a prática e se existisse, seríamos capazes de identificá-la? A ginástica geral seria realmente uma ginástica que poderia ser desenvolvida no ambiente escolar? Como motivar e capacitar outros professores a trabalharem com a ginástica geral em suas unidades escolares?

Essas inquietações levaram-me a estruturar esse trabalho de pesquisa cujos objetivos foram:

- Difundir a prática da ginástica geral na escola
- Apresentar e desenvolver a metodologia desenvolvida no Parthenon com os professores da rede pública estadual da DER/Leste de Campinas e verificar a viabilidade da proposta nesta realidade

Desta forma apresentamos a seguir os temas que compõem essa dissertação. Apresentamos a metodologia desenvolvida no ensino da ginástica geral no Instituto Educacional Parthenon, uma escola particular de Campinas – SP. Um exemplo de como a ginástica geral pode ser desenvolvida em um ambiente escolar. Neste capítulo encontramos: o dia-a-dia da ginástica geral a partir do curso infantil chegando ao ensino médio e também a organização de um evento em que a ginástica geral é a atividade principal.

A seguir, apresentamos a pesquisa realizada com os professores da rede pública estadual da região leste de Campinas. A apresentação deste projeto foi sub-dividida em:

- Curso – todas as atividades teóricas-práticas desenvolvidas com os professores em uma série de encontros, as observações realizadas e também algumas informações e textos pertinentes
- Visitas – o acompanhamento dos grupos de ginástica geral em escolas participantes do projeto
- Festival
- Depoimentos

E finalmente as considerações finais.



A GINÁSTICA GERAL NO INSTITUTO EDUCACIONAL PARTHENON

Este projeto teve início no Instituto Educacional Parthenon (Parthenon) em 1991. Trata-se de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Campinas que fica localizada em uma região nobre, no Jardim das Paineiras, e atende a uma clientela da classe média e média-alta. Foi fundado em 15 de outubro de 1989. Tem cerca de 500 alunos, distribuídos no curso infantil, ensino fundamental e no ensino médio.

O Parthenon é uma instituição que se orienta em princípios humanistas, que visa à educação integral da criança, consciente de que a sua responsabilidade ultrapassa o campo intelectual. Essa educação engloba o campo moral, com a formação sólida de valores e atitudes, e o espiritual do educando, tornando-o consciente da sua responsabilidade como cidadão.

Em todas as séries são oferecidas aulas de educação física, em caráter obrigatório e dentro do horário oficial das aulas (matutino e vespertino).

A frequência de aulas varia de acordo com as séries e aumenta gradativamente conforme o curso. As classes de infantil e infantil I têm uma aula por semana. No infantil II, infantil III e na primeira fase do curso fundamental (de 1ª série a 4ª série) são oferecidas duas aulas por semana. Na segunda parte do curso fundamental (de 5ª à 8ª série) e no ensino médio a frequência de aulas semanais sobe para três. Cada aula tem a duração de 50 minutos e as turmas são mistas. As aulas são divididas entre três professores formados em educação física (dois pela Unicamp e um pela Unesp – Rio Claro).

A escola recebe desde a sua fundação, seguindo sua orientação filosófica e humanista, alunos portadores de necessidades especiais. Integrados aos demais alunos encontramos estudantes com Síndrome de Down, paralisia cerebral, visão subnormal, surdez, entre outros. A orientação para as aulas, inclusive as de educação física é que haja uma inclusão total. Estes alunos devem ser integrados ao grupo e para trabalhos que possivelmente eles apresentem alguma dificuldade devem ser realizadas adaptações.

As aulas de educação física do Parthenon são planejadas seguindo os objetivos gerais da disciplina. São eles:

- Através de atividades corporais, estabelecer relações equilibradas e construtivas consigo mesmo e com o outro, desenvolvendo a autoconfiança e a auto-estima, reconhecendo e respeitando diferenças, repudiando qualquer tipo de violência

- Promover o conhecimento, a valorização, o respeito à pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre as pessoas e entre diferentes grupos sociais
- Desenvolver atividades que favoreçam o reconhecimento do aluno como elemento integrante do ambiente, através da adoção de hábitos saudáveis de higiene, alimentação e práticas corporais, relacionando-as com a manutenção e melhoria da saúde coletiva, analisando criticamente os paradigmas sociais concernentes à estética, ao consumo e aos preconceitos
- Instrumentalizar o aluno para solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as próprias possibilidades, buscando o desenvolvimento pleno de suas competências corporais e aprimorando a consciência do seu próprio corpo
- Possibilitar o reconhecimento das atividades corporais de lazer como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão, visando a qualidade de vida
- Oportunizar o contato com ambientes naturais, propondo atividades que congreguem os alunos em espaços variados, proporcionando uma maior interação com a natureza, sensibilizando o educando para apreciação da mesma.
- Reconhecer as condições de trabalho que comprometam os processos de crescimento e desenvolvimento, não as aceitando para si nem para os outros, reivindicando condições de vida dignas⁵

As aulas de educação física são planejadas trimestralmente e em cada um destes trimestres uma gama de conhecimentos da cultura corporal são abordados. Estes conhecimentos podem ser jogos, esportes, jogos populares, danças folclóricas, lutas, jogos pré-desportivos e ginástica.

⁵ Objetivos gerais que compõem o plano de curso da educação física do ano de 2005.

A UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS NA GINÁSTICA GERAL

Até pouco tempo a ginástica era assim. Única em seu universo de materiais. Uma ginástica praticada em traves, cavalos de saltos, barras fixas, paralelas, ou com bastões, bolas, arcos, maçãs, fitas, cordas, etc. Durante grande parte do século XX, foram estes os aparelhos mais utilizados nos locais onde a ginástica, competitiva ou não, era praticada.

Os métodos ginásticos (ou Escolas) oriundos da Europa foram levados para fora de seu continente. No final do século XIX, início do século XX, com a Proclamação da República e as fortes correntes imigratórias, estes métodos passam a exercer no Brasil, uma influência única no caminho das tendências das práticas corporais e, conseqüentemente nos materiais utilizados nestas atividades (Vago, 2001).

Cada um dos métodos contribuiu para a introdução dos aparelhos gímnicos no Brasil. As duas escolas de ginástica que exerceram uma influência maior foram a Escola Alemã, que colaborou com os famosos “aparelhos de ginástica” (as barras, paralelas, cordas suspensas, etc) e a Escola Sueca que contribuiu, entre outros materiais, como os espaldares e bancos suecos. (Soares, 2001).

Passamos rapidamente pelo tempo e pulamos para os anos 70. Com o declínio do ensino da ginástica nas escolas, e a esportivização massacrante das práticas corporais (Ayoub, 2001), a degradação dos materiais foi evidente. A ginástica desvalorizada na escola e a decadência do ensino público foram fatores cruciais para que os materiais deixassem de ser substituídos ou adquiridos, tornando-se obsoletos e ausentes nesta nova base.

A ginástica acontecia em algumas escolas, que sobreviveram a este massacre, e nos clubes. Nas festas de encerramento ou demonstrações o máximo de ousadia e criatividade que se via era encapar um arco com franjinhas ou fitas de acetato, usar bandeiras, um “ginasloucos”⁶ ou na ginástica rítmica, o famoso “cinco aparelhos”⁷.

⁶ “Ginasloucos” – são apresentações de caráter cômico realizadas na ginástica olímpica, preferencialmente por meninos e que utilizam os saltos sobre o cavalo ou plinto como seu principal elemento coreográfico.

⁷ “Cinco aparelhos” – é uma composição coreográfica típica de equipes de GR, que utiliza os cinco aparelhos numa única série, nestas apresentações as regras oficiais da GR não são respeitadas

Fomos crescendo com esta imagem. Passamos pelos bancos e quadras das universidades sem nos depararmos com nada que viesse a mudar este paradigma.

A ginástica geral apareceu como um divisor de águas. Uma forma de manifestação sociocultural bastante difundida na Europa, mas ainda desconhecida no Brasil. A década de 80 foi um marco em uma nova forma de fazer e pensar ginástica. A ginástica geral foi institucionalizada no Brasil e esse termo passou a ser difundido (Rezende, 1996).

Alguns eventos foram fundamentais nesta expansão. Os FEGINs (Festivais Nacionais de Ginástica), idealizados e coordenados pelo Prof. Carlos Roberto Alcântara Rezende, que incentivava a formação e a participação de novos grupos de ginástica.

Os cursos internacionais de ginástica geral idealizados e coordenados pelo Prof. Fernando Brochado, em que privilegiados já puderam ter contato com uma excelente amostra do que estava para acontecer no restrito universo da ginástica no Brasil. Uma vivência de ginástica alegre, com muita música, possível a todos e com uma utilização de materiais de uma forma bem diferente, quebrando lógicas (Brochado & Brochado, 1988).

Outro marco na ginástica geral foi a significativa participação de grupos brasileiros em Gymnaestradas Mundiais, a partir de 1991. Viver este evento serviu para oxigenar as idéias que se tinham sobre o fazer ginástica. Foi necessário um retorno ao berço da ginástica, a Europa, para finalmente vislumbrar novos caminhos e novos materiais. Uma diversidade de cores, formas, tamanhos, texturas, matérias primas, tecnologia de materiais até então inimagináveis. Um novo significado, a possibilidade de revitalizar, praticamente ressuscitar a prática da ginástica.

A ginástica geral permite a utilização de qualquer material além dos tradicionais. Estes materiais não convencionais da ginástica podem ser de pequeno – barangandão - ou grande porte - pára-quedas, vindos da natureza – bambus - ou do dia-a-dia - jornais, ou são fruto de um estudo de engenharia - espaldares gigantes. A diferença muitas vezes não está na forma - bolas, mas sim na dimensão - bolas grandes, em como são manipuladas - grupo de senhores praticando ginástica rítmica - ou na quantidade em que aparecem seis trampolins acrobáticos simultâneos (Paoliello, 2003, p.42).

Em qualquer situação, a utilização de objetos baratos e de efeito, pode resultar em um trabalho coreográfico de qualidade técnica e estética excelente. O material

alternativo mais poderoso da ginástica geral é a criatividade.

A possibilidade de contemplar em uma composição coreográfica um amplo leque de materiais alternativos, diferentes conhecimentos da cultura corporal como os elementos das diferentes formas de ginástica, jogos, brincadeiras, esportes, lutas, danças, experiências de vida, etc. (Pérez Gallardo, 1999) potencializa a difusão em escolas e clubes.

Não é mais necessário só ter materiais oficiais para a prática nas aulas de ginástica na escola, assim como em eventos.

OS CONHECIMENTOS

Ao incluir uma área de conhecimento na escola é necessário, além de saber ensinar, reconhecer a sua importância no processo de desenvolvimento global do aluno. Para justificar a inclusão da ginástica geral no currículo escolar abordaremos dois pontos fundamentais. Primeiro, a identificação dos princípios e valores nos quais a atividade está baseada, e segundo, reconhecer a educação física como o espaço das manifestações corporais pluralizadas.

Para levantarmos os princípios que regem a ginástica geral utilizaremos algumas concepções da atividade. Definir a ginástica geral é uma tarefa difícil. Conseguir descrever, em um conjunto de palavras, uma manifestação corporal que abrange um universo grande de atividades corporais, que acolhe tantas manifestações culturais, mas que não fazia parte, até recentemente da nossa cultura corporal, tem gerado sistematicamente calorosas discussões em grupos que se reúnem para estudar o tema. Definir a ginástica geral inclui, além de tentar encontrar palavras corretas, assumir uma postura.

Segundo a FIG (1993), a ginástica geral é a ginástica que está orientada para o lazer, onde pessoas de todas as idades participam principalmente pelo prazer que sua prática proporciona. Desenvolve a saúde, a condição física e a interação social, contribuindo desta forma para o bem-estar físico e psicológico de seus praticantes. Oferece um vasto campo de atividades, respeitando as características, interesses e tradições de cada povo, expressados através da beleza e variedade do movimento corporal. As atividades integrantes deste vasto campo estão subdivididas em três grandes grupos:

- Ginástica e dança
- Exercícios com aparelhos
- Jogos

Podemos pontuar pela definição da FIG, que a ginástica geral é uma atividade gímnica baseada nos princípios do(a):

1. prazer (...para o lazer)
2. participação (...pessoas de todas as idades...)
3. não competição (...principalmente pelo prazer que...)
4. qualidade de vida (bem-estar físico e psicológico...)
5. diversidade (...características, interesses...)
6. valores culturais (...tradições de cada povo...)
7. estética (através da beleza...)
8. criatividade (...variedade do movimento...)

A concepção é excelente. O principal problema é a atuação da FIG para com a ginástica geral, que concentra suas ações apenas nas Gymnaestradas Mundiais. Esta ação é tão forte que, para muitos, a Gymnaestrada acaba virando sinônimo de ginástica geral. A apresentação do produto final da construção de uma coreografia deve ser considerada como uma das etapas que compõem este processo, mas não a única, nem a principal.

Mesmo não sendo tema do estudo, cabe neste momento uma crítica à atuação da entidade, que necessita ampliar suas ações, democratizar e estender seus conhecimentos, aumentar e enriquecer seu calendário de ginástica geral, e reconhecer outras entidades, que também cuidam e pensam a ginástica, como parceiras e não adversárias, termo que definitivamente não combina com a ginástica geral.

Para o Grupo Ginástico Unicamp (GGU), a ginástica geral pode ser entendida como: uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da ginástica integrando-as com outras formas de expressão corporal, de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes. Segundo esta concepção, podemos concluir que a ginástica geral está baseada nos seguintes princípios do(a):

1. valorização cultural
2. diversidade (...reúne diferentes interpretações...)
3. regras simples (de forma livre...)
4. criatividade (...e criativa)
5. interação social

Seja qual for a definição a ser adotada, fica claro que a ginástica geral está baseada em princípios e valores que desejamos que apareçam em nossas atividades.

O outro ponto é reconhecer a pluralidade dos conhecimentos corporais que compõem o universo da educação física. Os PCNs (BRASIL, 1997), documento que apresenta as diretrizes para a educação formal no Brasil, identifica como áreas de conhecimento da educação física: os jogos e esportes, a ginástica e lutas, e a dança. Ao definir quais os conteúdos específicos que devem ser trabalhados na ginástica, o documento exemplifica apenas a ginástica esportivizada e a utilização da ginástica como preparação para os jogos e esportes. Mesmo assim, considera que a ginástica deve ser uma das manifestações a serem desenvolvidas pela disciplina. Podemos destacar desta forma, que não faltam bons argumentos para a inclusão da ginástica geral na escola.

DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA GERAL NO PARTHENON

A ginástica geral é desenvolvida em todas as séries, mas é abordada de forma diferenciada considerando a faixa etária. Apresentamos a seguir, no quadro 1, os conhecimentos gímnicos desenvolvidos nas várias séries, para melhor visualização e compreensão do programa desenvolvido no Instituto Educacional Parthenon.

série	área de conhecimento	nº de aulas	Conhecimento das aulas
infantil	GINÁSTICA GERAL		Habilidades corporais diversas (correr, saltar, equilibrar, rolar...) desenvolvidas em aparelhos tradicionais e adaptados (mesas, plinto, mini-tramp, pneus, escadas, vigas...). Exploração e manipulação de diversos materiais portáteis.
1ª e 2ª séries		2 aulas	Elementos básicos da ginástica artística (rolamentos, inversões, equilíbrios, rodas) desenvolvidos de forma isolada, elemento por elemento.
		2 aulas	Elementos básicos da ginástica artística trabalhados em combinações diversas.
		4 aulas	Circuitos desenvolvendo as habilidades corporais diversas com aparelhos tradicionais e adaptados (mesas, plinto, mini-tramp, pneus, escadas, vigas...)
3ª e 4ª séries		2 aulas	Elementos básicos da ginástica artística (rolamentos, inversões, equilíbrios, rodas)
		1 aula	Salto sobre o plinto (grupado, afastado e com inversão)
		1 aula	Elementos básicos do trampolim acrobático - saltos com a utilização do mini-tramp (grupado, afastado, carpado, com giro e mortal)
		2 aulas	Técnica básica da ginástica acrobática. Formações em duplas, trios, quintetos variando em 6 apoios e 2 apoios
		2 aulas	Elementos básicos da ginástica rítmica - exploração e manipulação de 2 materiais portáteis (corda, bola, arco ou fita). Execução de movimentos característicos de cada um deles.
		2 aulas	Composições coreográficas - formação de pequenos grupos que montam uma seqüência coreográfica utilizando como base uma das ginásticas trabalhadas.
		2 aulas	Elementos básicos da ginástica artística - rolamentos, equilíbrios (inversões, aviões, vela...), rodas.
5ª e 6ª séries		2 aulas	Elementos básicos da ginástica artística - suspensões (barra e trapézio)
		2 aulas	Elementos básicos do trampolim acrobático - saltos com a utilização do mini-tramp (grupado, afastado, carpado, com giro)
		3 aulas	Técnicas básicas da ginástica acrobática
		3 aulas	Elementos da ginástica acrobática - alunos compondo novas figuras corporais em grupos de tamanhos variados.
		6 aulas	Montagem de uma pequena composição coreográfica em pequenos grupos com música, formações diferentes e variadas, utilização adequada do espaço utilizando os elementos da ginástica artística, acrobática ou trampolim acrobático desenvolvidos anteriormente.
		4 aulas	São estudados e trabalhados os elementos da capacidade física: resistência, força, flexibilidade e velocidade, além de uma introdução aos aspectos básicos da fisiologia humana.
7ª e 8ª série		4 aulas	Elementos da ginástica acrobática como figuras corporais em duplas e pirâmides (duplas, trios, quartetos). Nestas séries trabalhamos com pirâmides em grandes grupos de até 3 andares.
		4 aulas	Elementos básicos da ginástica artística no solo (rolamentos, inversões, rodas, rodantes) e saltos sobre o plinto com atenção especial à execução (postura, início dos movimentos, finalizações)
		1 aula	Montagem e apresentação de uma pequena seqüência coreográfica sem aparelhos baseados nos elementos da ginástica acrobática e artística desenvolvidos
		2 aulas	Resumo dos elementos da ginástica acrobática e artística desenvolvidos nas séries anteriores.
Ensino médio		2 aulas	Consciência corporal e relaxamento
		2 aulas	Massagem e yoga
		2 aulas	Apresentação e discussão de temas relacionados à atividade física e saúde (uso de anabolizantes, narcisismo, definições de saúde, doping)
		2 aulas	Entre as quatro capacidades físicas (força, velocidade, resistência e flexibilidade) escolher e trabalhar duas.

Quadro 1 – A ginástica geral na educação física do Parthenon

Em uma primeira análise do quadro identificamos como a ginástica geral é apresentada ao longo das séries. Contemplamos os elementos da ginástica artística, rítmica, acrobática e trampolim acrobático, assim como alguns elementos das ginásticas de consciência corporal e de condicionamento oferecendo subsídios e base para o trabalho em ginástica geral.

Podemos verificar uma hierarquia para o desenvolvimento de cada um dos conteúdos procedimentais. Procedimento, segundo Toledo (1999, p.56), “caracteriza-se basicamente por uma lógica interna do conteúdo, uma vez que é uma ação ordenada, com uma meta comum”. Baseados nestes estudos verificamos que cada um dos conteúdos é abordado seguindo uma lógica pedagógica: do mais simples para o mais complexo, do mais fácil para o mais difícil.

Verificamos também que a lógica pedagógica orienta não só os conteúdos trabalhados na série como também ao longo dos ciclos. Esta linha crescente também norteia a complexidade dos assuntos e a profundidade com que eles são abordados.

Nas séries iniciais, assim como em todas as atividades desenvolvidas nas aulas de educação física, as aulas direcionadas para a ginástica geral devem propiciar ao aluno um amplo leque de oportunidades corporais. Segundo Daolio (2003, p.127), esta gama é necessária “... a fim de que o aluno explore sua capacidade de movimentação, descubra novas expressões corporais, domine seu corpo com novos implementos, com ritmos variados...”.

Nas séries intermediárias podemos verificar uma reestruturação dos conhecimentos. Nestas séries acreditamos, assim como Daolio (Ibid.), que “... o trabalho de educação física deve enfatizar o desenvolvimento e a reconstrução das técnicas esportivas, ginásticas ou de dança”.

Apesar da ginástica artística, a ginástica acrobática e a ginástica rítmica serem ginásticas de competição, elas são desenvolvidas na escola segundo os preceitos da ginástica geral, ou seja, enfatizando inclusão e participação de todos. O objetivo da ginástica assim como qualquer outro conhecimento na disciplina é possibilitar aos alunos a vivência das diferentes possibilidades da cultura corporal. Quando nos referimos à participação e inclusão de todos, abrimos mão da formação e busca de talento. Trocamos a busca de um

talento no meio de vários alunos pela busca do talento que cada um tem.

Ao desenvolver a ginástica geral sem valorizar a performance ou a competição, estabelecemos outro referencial que Daolio (Ibid.) esclarece de forma brilhante:

Não se trata de ensinar a técnica tida como correta, mas de propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma série de relações com o espaço, com bolas, com implementos, com o colega, com o grupo, com o ritmo, com vários alvos, com diferentes adversários. Assim, as técnicas não serão aprendidas de forma passiva e mecânica. Elas serão reconstruídas pelos alunos, sendo, portanto, mais significativas para eles.

AS ESTRATÉGIAS

Para inserir a ginástica geral no planejamento e passar a considerá-la como um conteúdo da cultura corporal foi necessário um processo de mudança que envolveu várias etapas e muita discussão.

Primeiramente, a ginástica geral passou a integrar o programa de educação física do Parthenon. Antes da nossa entrada na escola, essa área de conhecimento não era desenvolvida. Como parte do programa ela passou a receber o mesmo tratamento das demais atividades.

Uma outra etapa foi estabelecer estratégias de aula que envolvesse o aluno na atividade, despertasse o seu interesse e garantisse a sua participação. Lançamos mão de muita música, jogos, vivências simbólicas, materiais variados, atividades em grupos, atividades cooperativas para que nossos objetivos fossem alcançados.



Figuras 1 e 2 – atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon –circuito de atividades com cooperação e malabares



Figuras 3 e 4 – atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – fitas e circuito com materiais variados

Quando um objetivo é proposto e caso um aluno não consiga realizar um movimento gímnico específico ele é estimulado a trocar por outro similar. Criamos um ambiente na aula para que o aluno se sinta seguro e estimulado a experimentar. Todas as manifestações dos amigos que possam prejudicar a auto-estima são imediatamente levantadas e discutidas. Reforçamos que o ambiente escolar é local próprio para a aprendizagem, portanto para aprender aquilo que não se sabe.

Colocamos sempre em questão o respeito à individualidade. Alguns têm

facilidade em certas atividades e áreas e outras noutras e que essas diferenças devem ser respeitadas.



Figuras 5 e 6 – atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – deslocamentos e fitas

Acreditamos que o resultado positivo esteja principalmente no envolvimento e respeito ao aluno, que é o motivo principal do processo educativo. Os alunos devem ter a oportunidade de mostrar suas conquistas e quando são estimulados o fazem com muita graça.

Para exemplificar podemos citar uma aula de saltos sobre a caixa de saltos com a 4ª série. Temos um aluno mais gordinho que só consegue passar sobre o obstáculo de lado, sem encostar os pés na tampa. Exercício que ele aprendeu com muito esforço. Não adianta pedir para mudar, ele já tentou e não consegue devido à sua estrutura física, ao medo. Porém, participa durante toda a aula sempre com o mesmo salto mesmo que a proposta de salto seja outra. Os amigos não implicam com ele, todos respeitam e reconhecem a sua dificuldade. Torcem e vibram a cada passagem sua. O importante é que o aluno participe e seja valorizado naquilo de melhor que faz.

O PROGRAMA DE AULA

Uma aula de ginástica geral varia muito conforme a série, o conhecimento e também a época em que estamos trabalhando. No curso infantil procuramos trabalhar do início ao fim da sessão com o foco na ginástica geral. Para elucidar melhor, tomemos como exemplo uma aula cujo conhecimento gímnico a ser trabalhado seja os rolamentos nas suas variadas formas.



Figuras 7 e 8 – atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – colchões



Figuras 9 e 10 – atividades gímnicas desenvolvidas no Parthenon – colchões

Os colchões são trazidos em um grande carrinho. Os alunos normalmente sobem no caminhão, brincam de ônibus, pedem para empurrarmos mais rápido... Ajudam a colocar o material no chão. Começamos esta aula espalhando os colchões pelo pátio, deixando uma distância entre eles. Fazemos um pegador no qual cada colchão é uma ilha, o chão é o mar onde mora um tubarão. Em cima deste tema variamos propondo a cada momento novas formas de locomoção e introduzindo os rolamentos aos poucos. Naturalmente eles rolam e exploram o material mesmo que isto não seja claramente solicitado.

Depois deste aquecimento os colchões são agrupados e então lançamos vários desafios. Brincar de imitar inúmeros animais, brincar de realizar novos movimentos como os rolamentos, brincar de carregar os amigos, brincar de rolar por cima dos colegas... Brincamos muito de ginástica. No final tentamos acalmar (muito difícil) e sentamos para conversar um pouco.



Figuras 11 e 12 – registros feitos após as aulas de educação física no Parthenon

Durante um período (2002-2003) trabalhamos com registros das aulas feitos diariamente pelos alunos. Eram grandes cadernos (meia cartolina encadernada em bloco) em que os alunos desenhavam o que haviam feito na aula de educação física daquele dia.

Completávamos transcrevendo algumas falas sobre as seqüências trabalhadas ou com fotos. Muitas vezes eles eram utilizados para ajudar a contar uma história ou explicar uma atividade a ser realizada. Estes cadernos se tornaram excelentes recursos pedagógicos. Eles auxiliavam os alunos a recordarem o que haviam feito, possibilitavam aos pais durante as reuniões o acompanhamento do trabalho realizado e tornavam pública a série de atividades que eram desenvolvidas nas aulas.

Um outro exemplo pode ser observado em uma aula de saltos com o mini-tramp na 3ª série. Vamos direto ao aparelho fazendo dos saltos iniciais e mais fáceis, o próprio aquecimento e preparação para a atividade. Neste momento achamos melhor que o aluno possa executar o maior número de tentativas, intercaladas com explicações sobre a técnica básica de corrida, de impulso, de propulsão e amortecimento.

Estes exemplos acima servem para as aulas nas quais a aprendizagem e a execução dos elementos básicos da ginástica artística, rítmica, acrobática e trampolim acrobático são os objetivos principais. As aulas de composição coreográfica seguem um outro esquema.

Para uma composição que será apresentada aos próprios alunos e professor dividimos a classe em pequenos grupos. Cada um deverá escolher, ou sortearmos, uma atividade gímnica trabalhada anteriormente para servir de base para a seqüência. Escolhido o material, partimos para a música. Algumas vezes trazemos uma música que será utilizada por todos os grupos ou deixamos que cada grupo escolha e traga a música de sua preferência.

Quando dispomos de pouco tempo limitamos o tamanho da coreografia. Deixamos que os alunos trabalhem em seus grupos de forma livre verificando a assimilação dos conteúdos e auxiliamos no que for preciso e solicitado.

Ao final, a composição coreográfica é apresentada para a classe e avaliada. Se esta composição tiver como objetivo final a apresentação na olimpíada da escola, seguimos outro processo de criação que será mostrado a seguir.

O EVENTO

No Parthenon um evento é realizado de dois em dois anos – a Olimpíada Cultural. Trata-se de uma série de atividades de cunho desportivo e cultural, que mobiliza a escola inteira durante uma semana. Para iniciarmos esta semana realizamos uma grande abertura no qual a ginástica geral exerce um papel fundamental. Ela permeia todas as apresentações e serve como base para a criação. Nesta proposta corporal e neste momento, deixamos de lado as tabelas, a premiação, os times e nos voltamos para a música, o espaço, os materiais, as roupas.

Por ser um grande evento, vamos tratar neste capítulo de vários itens pertinentes à sua organização.

O PAPEL DA APRESENTAÇÃO NA GINÁSTICA GERAL



Figura 13 - Apresentação dos alunos na aula de educação física - fitas

A ginástica geral é sustentada por pilares fundamentais, entre eles, a de ser uma atividade sem caráter competitivo, inclusiva, desprovida de regras que limitem o número de participantes, a idade, o sexo, a condição social ou física, ou ainda, regras que especifiquem o trabalho ou material a ser utilizado. Ao finalizarmos uma seqüência

coreográfica de ginástica geral, a apresentação deste trabalho compõe um dos pontos norteadores da proposta corporal.

A apresentação faz parte do processo de criação da ginástica geral. Segundo Roble (2003, p.38), independente das pretensões finais do grupo: “é da dinâmica da ginástica geral produzir coreografias, que serão feitas para serem apreciadas, mesmo que pelos próprios alunos no interior da aula”.

Como podemos verificar, o público a quem se destina uma coreografia de ginástica geral pode variar entre:

- o professor
- o próprio grupo
- outro grupo de alunos
- um pequeno grupo de pais ou convidados
- um grande público

Quando esta apresentação sai dos domínios da aula, a ginástica geral encontra como forma de apresentação um dos seus grandes aliados, os festivais, vinculando-a não apenas ao desporto, mas sim a um procedimento artístico, à idéia de um espetáculo (Ayoub, 2001). Tradicionalmente encontramos grandes festivais específicos de ginástica geral como a Gymnaestrada, Ginpa, Gymbrasil.

No domínio escolar podemos encontrar a ginástica geral como a proposta principal de uma apresentação. Normalmente, uma coreografia é montada para um evento específico (abertura de olimpíada, comemoração de final de ano, dia das mães...) que com outros tipos de manifestações artísticas ou esportivas, cerimoniais (desfile de atletas, juramento, homenagens), apresentação de grupos convidados, compõe a programação final.

Se verificarmos na história, as apresentações escolares de ginástica são bem antigas. Podemos encontrar registros de grandes demonstrações no início do século XX em estudos históricos sobre a ginástica geral, como o realizado por Fiorin (2002).

Para compreendermos melhor a dinâmica de um evento no qual a ginástica geral é a prática corporal eleita para compor as coreografias, vamos levantar, um a um, os pontos relevantes na organização desta atividade.

A PROGRAMAÇÃO

Quando começamos a organizar um evento iniciamos esboçando primeiramente uma programação. Neste esboço, dividimos os grupos, levantamos os possíveis materiais, os grupos de apresentação convidados, calculamos o tempo de cada coreografia, assim como o tempo total estimado para o evento.

A escolha de um tema pode auxiliar na integração entre as diferentes áreas de conhecimento, como fonte de inspiração, norteando as apresentações. Podemos optar por temas como cores, sonhos, ritmos... ou ainda baseados no evento em si (olimpíada, festa da primavera, aniversário da entidade, festival de fim de ano, dia das mães, dia dos pais...).

A programação é essencial na organização, pois além de fornecer uma idéia geral de como será o evento, ela ajuda a limitar e prever o tempo total das apresentações. Um evento muito longo torna-se cansativo para quem assiste e para quem participa, portanto é necessário que todas as apresentações tenham um tempo limítrofe e que ele seja respeitado. É fundamental que ao convidarmos grupos de outras instituições saibamos o tempo da apresentação.

Para compor o programa é necessário verificar, além do tempo das coreografias, as séries envolvidas e os grupos convidados, a alternância de materiais, a variação dos estilos das músicas escolhidas, o pulso e intensidade de cada apresentação. É fundamental estabelecer um ritmo crescente e envolvente que mantenha o público sempre atento e motivado. Na quadro 2 mostramos o exemplo de uma programação de um evento:

EVENTO : ABERTURA DA OLIMPÍADA CULTURAL DO PARTHENON				
nº	Nome da apresentação	Característica/material	Grupo	Tempo
01	Coreografia com pompons	GG - pompons	7ª série	30 min
02	Banda da Polícia Militar	cerimonial	Polícia Militar	
03	Desfile das equipes		Todos alunos	
04	Entrada das bandeiras		Ensino médio	
05	Hino nacional		Banda PM	
06	Declaração de abertura		Diretora da escola	
07	Juramento do atleta		Aluno escolhido	
08	Saída dos atletas		Todos	
09	Saída da Banda da PM		Banda da PM	
10	Barangandão		GG - barangandão	GGU
11	Almofadas coloridas	GG – almofadas	Curso infantil	4 min30
12	Coreografia pompons 2	GG – pompons	7ª série	1 min
13	Esportes	GG – tecidos e bolas	5ª e 6ª séries	5 min
14	Happy rep lago	GG – nenhum	8ª série	4 min
15	Pulso acrobático	GG - acrobática	GGU	5 min
16	Be happy	GG – arcos enfeitados	1ª e 2ª series	5 min
17	Coreografia pompons 3	GG – pompons	7ª séries	40 seg
18	Tubos	GG – tubos papelão	3ª e 4ª série	4 min
19	Tecido	GG – técnicas circenses	GGU / Bia	4 min
20	Coreografia pompons 4	GG – pompons	7ª série	2 min
21	Sonho	GG e montanhismo selvagem	Ensino Médio	4 min
22	Fogo	GG – patinação	2º ano EM	3min30
23	Tocha	Cerimonial	EM	3min
Tempo total estimado só de apresentações				1h20min
Tempo total incluindo troca de grupos				1h40min

Quadro 2 – exemplo de uma programação de um evento

Como podemos observar no quadro acima, todas as composições coreográficas são baseadas na ginástica geral, incluindo as do grupo convidado. Podemos verificar também a alternância e variedade de materiais e também nas características das coreografias. Os elementos coreográficos que compõem a coreografia do ensino médio estão

baseados nas técnicas de montanhismo selvagem⁸, conhecimento desenvolvido ao longo dos três anos do ciclo. Para a inclusão neste evento essa atividade radical recebe um “tratamento artístico”, como música, expressão corporal aliada às técnicas de tirolesa⁹, rapel¹⁰, fusão de coreografias aéreas com trabalhos de ginástica geral no solo. A dinâmica, a energia característica da faixa etária, a mudança de foco constante ocasionada pela ocupação tridimensional do espaço, resulta uma impressionante demonstração artística.

Procuramos também sempre incluir atividades da cultura corporal trazidas da vivência extracurricular dos alunos. Não só as corporais, como também as de cunho artístico. Nos eventos, como o do quadro dois, é possível encontrar apresentações de patinação, apresentações de capoeira, técnicas circenses, skate, que assim como o montanhismo selvagem, recebem um tratamento artístico, e também bandas de música no lugar de som eletrônico.

Deve ficar claro que os alunos não executam simplesmente as técnicas de que são capazes. Durante os ensaios trabalhamos as suas habilidades dentro de um universo artístico, em que é necessário estar atento à ocupação espacial, ao trabalho corporal, ao pulso da música, ao vestuário, ao público, à entrada e saída de cena. Um grande espetáculo.

Voltando à análise do quadro, verificamos além da presença de todo o segmento escolar, do curso infantil ao ensino médio, a presença de um grupo convidado. Acreditamos que não basta apenas saber fazer ginástica, é também necessário saber assistir e apreciar um espetáculo. Procuramos formar, ao longo das nossas aulas e realização de eventos como estes, bons espectadores, por isso sempre incluímos apresentações de outras entidades.

Alguns grupos convidados exercem um papel fundamental neste processo de

⁸ Montanhismo selvagem – técnicas de superação de obstáculos diversos numa incursão à natureza com o mínimo de impacto ambiental (este conceito foi levantado em discussão com os alunos do Ensino Médio do Instituto Educacional Parthenon, com o Prof. Laércio Franco).

⁹ Tirolesa – utilização de corda ou de cabo aéreo para transposição de um ponto a outro, visando superação de um obstáculo (penhasco, rio, canyon, etc.) para o transporte de equipamentos, de pessoal ou resgate de feridos, usando técnicas e equipamentos de segurança (preferencialmente os específicos). Esta definição foi criada pelo Prof. Laércio Franco.

¹⁰ Rapel – técnica de descida de obstáculos, naturais ou não, verticalizados ou de inclinação próxima dos 90° em relação ao solo, com o auxílio de uma corda e, de preferência, com freios e equipamentos criados para esse fim. Esta definição foi criada pelo Prof. Laércio Franco.

ensino da ginástica geral do Parthenon. Eles criam um canal de comunicação, assistem atentamente às apresentações dos alunos e ao se apresentarem seduzem a platéia. Invariavelmente surge um fã-clube. Apresentações relevantes sempre são recordadas com carinho.

O PLANEJAMENTO

No caso específico do Parthenon, a ginástica geral faz parte do programa de educação física assim como os esportes, jogos, as lutas e a dança. Não existe um grupo de treinamento desta atividade. Ao planejar o conteúdo anual, o professor reserva um espaço do seu planejamento para esta área de conhecimento. No ano de olimpíada um trimestre inteiro é reservado para as atividades que serão desenvolvidas durante a semana do evento.

Para a criação e ensaio da composição coreográfica dividimos as aulas seguindo o esquema abaixo:

- Aulas de exploração do material, para escolher e ouvir a música, para montar a coreografia
- Ensaios das classes separadas
- Ensaios reunindo as séries
- Ensaio geral, no local da apresentação (caso o evento seja realizado em um local diferente)

O número de aulas reservado para cada uma das etapas acima depende muito da dificuldade da coreografia, do envolvimento dos alunos, da motivação do grupo. Normalmente, depois de escolhido o material e a música, em duas aulas a coreografia já está montada. Mais uma aula para as formações no espaço e duas aulas para reunir todos os alunos e estabelecer todos os lugares e formações, além das entradas e saídas. Em cerca de oito aulas já estão todos prontos para o ensaio geral. No planejamento também programamos:

- O cronograma de reuniões da equipe que participa na organização
- Data de envio dos comunicados para pais
- Compra e confecção dos materiais

INICIANDO A MONTAGEM DA COREOGRAFIA

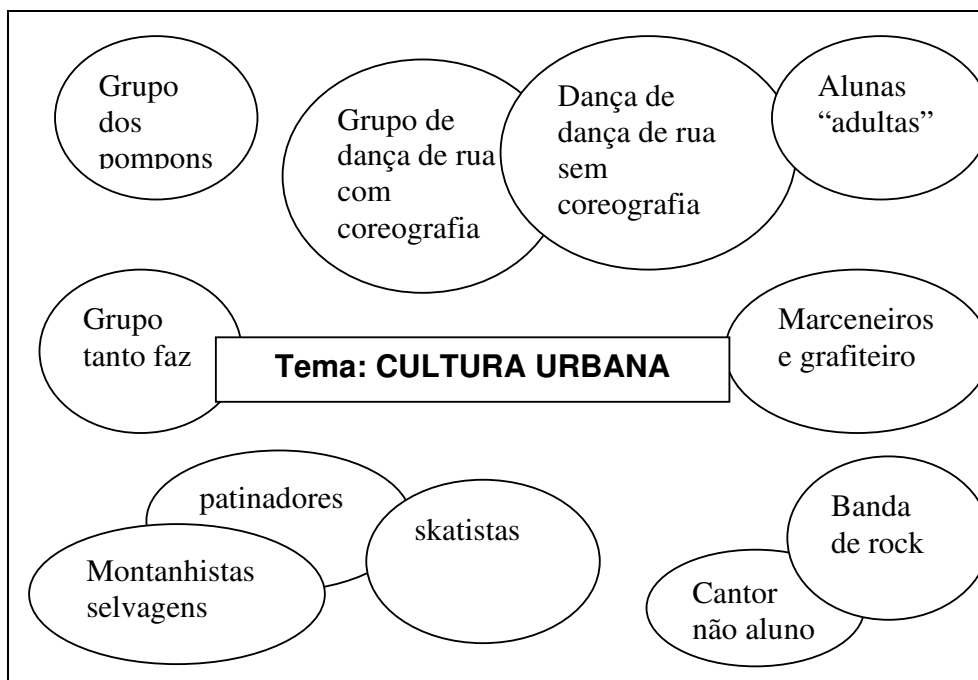
Neste primeiro momento, definimos os grupos que irão se apresentar. Utilizamos os cursos e séries como parâmetro e seguimos o esquema abaixo:

- todo o curso infantil reunido em uma única coreografia
- grupos de duas em duas séries até a 6ª série (1ª série e 2ª série juntas, 3ª série e 4ª série juntas, 5ª e 6ª série)
- a 7ª e 8ª série fica a critério dos alunos. A maioria das vezes estas séries se apresentam separadas ou então com a 8ª série auxiliando nas apresentações do ensino médio
- ensino médio dividido em dois ou três grupos de acordo com o interesse

Durante o processo de criação das coreografias, as classes, principalmente da 7ª série em diante, normalmente se subdividem. Neste momento começam a aparecer inúmeras coreografias. O papel do professor é conciliar. Ele tenta reunir o maior número de pessoas dentro de uma mesma apresentação, função muitas vezes árdua e cansativa.

Para exemplificar a questão, em 2002 enfrentamos este problema com esta faixa etária. Tínhamos os seguintes grupos interessados em apresentar: meninas de 7ª série querendo fazer uma coreografia com pompons, estas se recusavam a se reunir com um grupo de meninas de 8ª série que queriam fazer uma dança do estilo de rua, que por sua vez tinha uma corrente de amigas que se recusavam a ser lideradas por uma garota que já tinha criado grande parte de uma coreografia e inclusive escolhido a música. As meninas do ensino médio se recusavam a dançar com as meninas das 7ª e 8ª séries por acharem que elas são “crianças” demais. Não podemos esquecer de um grupo de meninas neutras, que aceitavam qualquer coisa. Reunidas, tínhamos um universo feminino de cerca de 50 garotas. Os rapazes por sua vez se recusavam a dançar, pois já estavam ensaiando (sem nossa autorização) uma série de evoluções com patins e skate que deveria ser executada em um misto de rampa com plataforma. Os alunos do setor da marcenaria e grafiteagem estavam apenas esperando o material para iniciar o trabalho. O articulador do grupo dos patinadores, para ajudar, também iria participar do grupo de montanhismo selvagem, uma turma que já estava agendada para realizar oito rapéis e uma tirolesa. Para animar tudo isto tínhamos

ainda uma banda de rock cujo vocalista não era nosso aluno (detalhe importante). Deveríamos tentar reunir todos em uma única coreografia cujo tema que era cultura urbana. Para visualizar este caos elaboramos o quadro 3 com todos os grupos para não perder nenhum detalhe:



Quadro 3 – grupos integrantes de uma única coreografia no Parthenon

Começamos o trabalho tentando conciliar o grupo das meninas. Conseguimos convencê-las de que o pom-pom já tinha sido muito trabalhado e não se encaixava no tema, as meninas com coreografia pronta se reuniram com as que não tinham coreografia ainda com a promessa de que não criariam mais nada. As meninas do ensino médio aceitaram trabalhar juntas com as “crianças” desde que pudessem ser responsáveis pela montagem de uma outra coreografia.

Reunimos os meninos do skate e patins em um único grupo e ficou acertado que eles só se apresentariam se fosse em uma coreografia integrada à dança de rua das meninas e que a rampa para manobras não poderia ficar montada na quadra. Ela deveria ser

toda articulada e desmontável. A grafitação deveria ser relativa ao desenho oficial do evento. O rapaz, que era excelente nos patins, para que pudesse participar também do montanhismo desceria uma tirolesa de patins. O grupo de rock teria que ensaiar junto com o grupo e o cantor, não-aluno foi autorizado a entrar na escola.

Parece simples? Mas só conseguimos estes acordos após muita discussão, conversas, brigas, choros, abraços... O resultado, porém, foi ficando tão bom que além de tudo isto, resolvemos incluir a entrada da tocha e a pira olímpica nesta composição. O resultado foi uma das melhores coreografias criadas ao longo destes anos no Parthenon. A coreografia recebeu o nome de “OS URBANÓIDES” e ficou assim:

- Todas as meninas entraram vestidas de empregados do setor de construção com capacete, fizeram uma coreografia bolada pelo ensino médio utilizando este implemento
- Enquanto isto, alguns meninos desciam o rapel simulando pintores de prédio
- Ao final desta coreografia alguns meninos entraram na quadra construindo a rampa de manobras, como parte do cenário urbano
- Ao final da construção, o “ás” do patins desceu uma tirolesa dando início à segunda parte, que incluiu as evoluções de patins e skate, assim como a dança de rua (com as meninas com outro vestuário) e muito rapel. Durante a coreografia as meninas utilizaram também a rampa, como um implemento coreográfico. Toda esta loucura ao som da banda de rock
- Para encerrar esta composição, a pira olímpica foi colocada em cima da rampa e ao som de uma música da própria banda. Quatro alunos entraram na quadra conduzindo a tocha e em uma evolução de deslocamentos que envolveram as meninas, a pira foi acesa
- Para fechar com chave de ouro, o nosso skatista saltou sobre a pira acesa para delírio da platéia

Acredito que esta coreografia representa tudo o que a ginástica geral espera como atividade: criatividade, utilização de aparelhos alternativos, participação de todos, integração de grupos diferentes, respeito à individualidade, oportunidade de mostrar talentos, utilização de conhecimentos de diferentes áreas da cultura corporal.

Este relato reforça a idéia de que apenas uma metodologia boa não é a garantia da participação e do envolvimento dos alunos em uma atividade. É fundamental a presença do professor que exerça a função de conciliador junto ao grupo. A presença deste

profissional é essencial, sem ele a metodologia não funciona.

DEFININDO MATERIAIS

Devemos considerar alguns itens pertinentes ao escolher os materiais para uma coreografia. Procuramos mesclar os materiais, levando em conta as suas características. Podemos utilizar materiais de uso coletivo (pára-quadras, grandes tecidos...) ou individuais (bolas, fitas, macarrões, almofadas, guarda-chuva...). Seja qual for o material escolhido é fundamental imaginar o efeito que ele vai produzir. Muitas vezes um material simples, mas colorido, produz um efeito visual muito melhor que um material complicado ou caro.



Figuras 14 e 15 – exemplos de materiais não tradicionais utilizados em apresentações de ginástica geral no Parthenon – caixas de papelão

Um detalhe fundamental é a confecção de um exemplar piloto. Antes de encomendar 120 unidades de um material é prudente pedir uma amostra pequena para verificar o efeito, o manuseio, resistência. Desta forma podemos evitar desperdício e decepção no dia da apresentação. Ao adotarmos um material, a viabilidade, o transporte, a armazenagem, a manipulação, também devem ser lembrados.



Figuras 16 e 17 – exemplos de materiais não tradicionais utilizados em apresentações de ginástica geral no Parthenon – guarda-chuva e pára-quadras

Finalmente, devemos ensaiar com o material escolhido para a apresentação. Pode parecer irrelevante, mas temos conhecimento de uma composição coreográfica em que os professores não ensaiaram com o material de apresentação com medo que os alunos estragassem. Foram ensaios e mais ensaios apenas fazendo de conta, com no máximo um pedacinho de pau no lugar do guarda-chuva. No dia da apresentação, os professores finalmente colocaram nas mãos de seus pequenos alunos o lindo guarda-chuva, todo enfeitado com fitas brilhantes, bolinhas... A música começou e nada dos alunos dançarem. Ficaram parados no meio da quadra admirando aqueles lindos materiais.

DEFININDO A MÚSICA

A música, assim como o material a ser utilizado, é um dos pontos mais importantes de uma coreografia. Podemos escolher um material super criativo, mas se a música for inadequada, mal escolhida, ou ainda, colocada em um ponto errado da programação, o efeito desejado não será alcançado. É fundamental ficar atento a:

- Adequação ao tema, ao material, à idade – o aluno deve ter uma empatia pela música
- Variação de estilos musicais – variar ao longo do programa, utilizando diferentes estilos musicais, assim como planejar alternância de ritmos fortes, músicas que sensibilizam,

músicas conhecidas, ao longo do evento. A emoção de uma apresentação de ginástica geral é sentida não só pelos “olhos”, mas também pelos “ouvidos”

- Música da moda – evitar ao máximo, se não radicalmente, este tipo de música. Podemos relacionar uma série de motivos, pelos quais a utilização do gênero musical insistentemente tocada na mídia, deve ser criticada. Imagine que ao iniciarmos os treinos ela está começando a ser tocada nas rádios e TV. No dia da apresentação, todos já estarão cansados de ouvi-la. Outro fator importantíssimo é a oportunidade de utilizar o momento da escolha da música como o espaço ideal para apresentar e trabalhar com os alunos, novos ritmos, novos grupos musicais, outros estilos, músicas de outros países. Quando escolhemos uma música para uma apresentação em ginástica geral, não devemos nos intimidar e se for o caso, rejeitá-la se a considerarmos inadequada para o uso em um ambiente escolar. É necessário garimpar durante algumas horas em lojas de CDs, procurar com os amigos e principalmente solicitar a ajuda dos alunos, para que tragam idéias de músicas para a seqüência coreográfica
- Verificação do tempo (quaternário ou ternário) – procuramos utilizar músicas que tenham o seu compasso ou frases musicais bem marcadas. Isto auxilia na hora de reunir todos os grupos. Assim que escolhermos a música, devemos sentar e ouvi-la do começo ao fim contando o número de compassos ou frases musicais. Conhecer a estrutura da música facilita muito o processo de criação. Este processo deve ser executado com os alunos, para que eles consigam identificar a música, conhecer sua estrutura, ligá-la aos movimentos utilizados nas seqüências coreográficas

O ESPAÇO

Caso a apresentação seja no mesmo local das aulas e ensaios o trabalho será bem menor. Quando os ensaios são em locais diferentes da apresentação devemos então:

- Comparar o espaço de apresentação com o espaço utilizado nas aulas. Caso este seja menor ou maior o ideal é trabalhar com escalas. Muitas vezes o número de alunos de uma coreografia pode não caber ou ficar com grandes espaços vazios na quadra

- Utilizar pontos de referência que não sejam as marcas da quadra. O mais indicado para coreografias de médias e grandes áreas é a utilização dos pontos definidos pelas coordenadas X (lateral) e Y (frente da quadra), como podemos visualizar no quadro 4. A utilização de plaquetas com letras para a lateral e número para frente da quadra torna-se um excelente recurso pedagógico. Neste caso, em cada formação coreográfica, o aluno terá como ponto de referência uma letra e um número. Por exemplo, no quadro 4 podemos visualizar o localização dos alunos. O aluno Beto, ao se posicionar na quadra nesta formação terá à sua frente o número 6 e na lateral a letra E. Por sua vez, a aluna Lia terá como letra e número de referência H13. A utilização deste sistema não fica restrita aos alunos mais velhos. Com as crianças do curso infantil utilizamos deste mesmo método. Em uma das aulas, montamos um exemplo deste sistema e através de brincadeiras pedimos aos alunos, um a um para que consigam identificar lugares hipotéticos, como achar onde fica o ponto que tem a sua frente o número 4 e ao lado a letra A:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
A																			
B																			
C																			
D																			
E						Beto													
F																			
G																			
H													Lia						
I																			

Quadro 4 – Sistema de plaquetas X e Y - esquema utilizado para localização de lugares em uma coreografia de média e grande área.

- Lembrar de treinar entradas e saídas. A coreografia começa na hora que os alunos saem da concentração e termina quando voltam aos seus lugares. Faz parte deste ensaio a forma de agradecer ao público, as palmas recebidas

- Procurar utilizar formações coreográficas variadas evitando que o aluno nunca inicie e comece a coreografia no mesmo lugar, sem explorar outras formações, independente da faixa etária

VESTUÁRIO

Por se tratar de uma escola, onde o principal objetivo é estimular a participação de todos, as opções de utilizar o uniforme escolar, realizar pequenas alterações neste uniforme ou ainda optar por uma roupa acessível a todos (por exemplo: calça e blusa preta) como vestuário de apresentação tem se mostrado o melhor caminho. Esta escolha facilita o trabalho do professor, do pai, da escola, além de diminuir os empecilhos para a participação de todos.

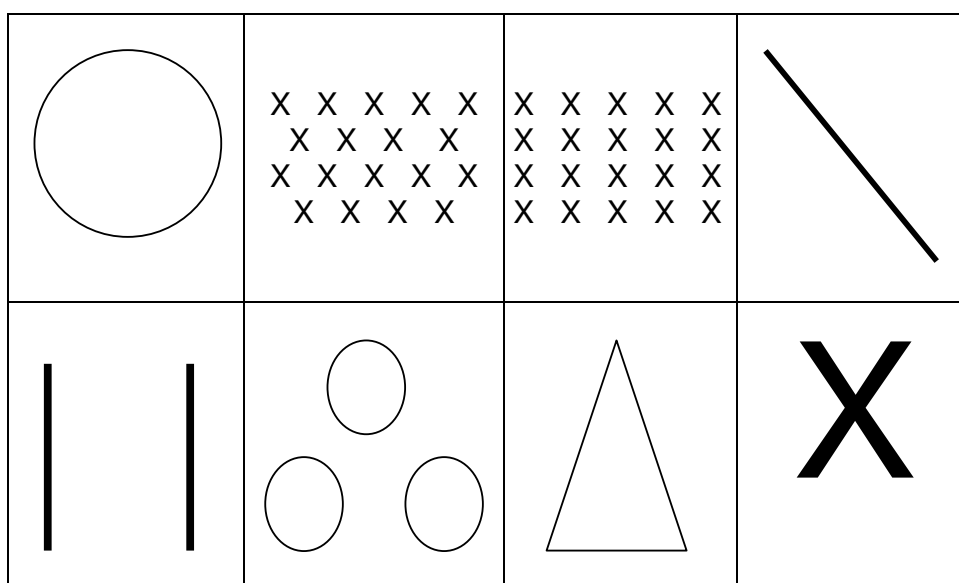
MOVIMENTOS

Antes de montar a coreografia, deixamos os alunos explorarem e manipularem livremente o material proposto. No papel de observador, anotamos os movimentos mais interessantes antes de se decidir quais irão compor a coreografia. Procuramos variar a direção, os níveis de movimento (alto, médio e baixo), os grupos de alunos. Não damos ênfase às diferenças de gênero nos gestos. Possibilitamos a inclusão de todos os alunos, meninos e meninas.

Existem excelentes textos que podem auxiliar o processo de composição coreográfica, entre eles destacamos Gallardo & Souza (1996), Ugaya & Truzzi (2000).

FORMAÇÕES

Ao distribuir os alunos devemos ficar atentos às variações na ocupação do espaço. Denominamos de formações coreográficas o desenho ou a figura que se forma nesta distribuição. Existem algumas formações clássicas como as que podemos observar no quadro abaixo e elas servem para orientar o trabalho de composição coreográfica.



Quadro 5 – exemplos de possibilidades de formações coreográficas

O número e a dificuldades na utilização das formações dependem do grupo que está sendo trabalhado. Com o grupo infantil procuramos colocar pelo menos duas formações diferentes e vamos acrescentando variações ano a ano. As transições, ou seja, formas de deslocamentos ou movimentos que servem para mudar de uma formação para outra também são essenciais. Todos os alunos devem saber os seus lugares em todas as formações e como executar as transições para evitar choques e confusão.

Como pudemos observar, desenvolver um conhecimento novo, como a ginástica geral em um ambiente escolar, é um trabalho que envolve vários segmentos, muito planejamento, argumentação. Estar em uma equipe que pensa e que acredita na educação física como uma área de conhecimento plena e pluralista tem se mostrado essencial para desenvolver um projeto como o do Parthenon. Acreditar ainda no papel do professor como um dos agentes transformadores da sociedade é primordial em todo processo educativo. Aliados a isso, acreditar nos alunos como seres capazes de realizar o inimaginável. Todos estes aspectos mostraram-se a essência do trabalho que apresentamos até aqui.



ATENÇÃO: PROFESSORES NA QUADRA, GINÁSTICA GERAL EM AÇÃO!

CURSO

Após alguns anos de prática com a ginástica geral na escola da rede particular de ensino várias indagações ficavam no ar. Quais eram os fatores que garantiam o sucesso desta prática da cultura corporal em um determinado ambiente pedagógico? Este sucesso estava ligado apenas a fatores estruturais? Apenas escolas particulares poderiam desenvolver a ginástica geral em suas escolas? Seria possível trabalharmos com ela em ambientes mais carentes de recursos materiais? A carência era realmente material, ou mais que isto, uma carência profissional? Se capacitarmos os professores eles poderiam incorporar a proposta humanística a que a ginástica geral se propõe?

Como podemos perceber, tínhamos muitas dúvidas, mas poucas perspectivas para entrar no universo da escola pública. A proposta inicial deste projeto era utilizar a metodologia desenvolvida em uma escola da rede particular de ensino na rede pública estadual. Queríamos verificar se uma prática corporal que obteve sucesso em uma realidade provida de recursos seria possível em outros ambientes.

Neste momento houve um casamento perfeito, pois estávamos procurando uma porta para entrar na rede pública estadual para implantação deste projeto de mestrado e a coordenadoria estava à procura de parceria. Inicialmente a Profa. Dra. Elizabeth Paoliello foi procurada pela assistente técnico pedagógica (ATP) da Diretoria de Ensino Regional – Leste (DER/Leste), para que com a sua colaboração, pudéssemos elaborar um projeto de ginástica geral para as escolas sob sua supervisão. Este projeto teria como respaldo a resolução 142 de 14 de dezembro de 2002 (anexo 1), que dispõe que as atividades extracurriculares oferecidas nas unidades da rede pública estadual, não precisam ser necessariamente aquelas de teor esportivo competitivo, que até então eram praticadas. Ela afirma que as atividades esportivas podem ser competitivas ou recreativas. Com isto abriu-se um leque de oportunidades para que outras atividades de teor, segundo a resolução, recreativo, tivessem um espaço, se não vivido, pelo menos garantido neste universo dominante de bolas, redes, regras e tabelas de competição.

Partindo desta resolução e de um acordo estabelecido, começamos a elaborar uma proposta para incluir a ginástica geral na rede pública estadual. Para isso

tivemos a grande colaboração da ATP, que convocou e mobilizou seus professores.

O projeto foi elaborado a partir da sistematização da metodologia de ginástica geral do Parthenon, das expectativas da DER/Leste e da possibilidade de aplicação da ginástica geral aberta com a resolução 142 de 14 de dezembro de 2002.

O projeto original constava de:

- Um encontro com os professores da rede pública estadual da DER/Leste para a apresentação da ginástica geral e convite para integrar o projeto
- Um curso composto de quatro encontros com a duração de 4 horas cada sessão
- Acompanhamento do trabalho nas escolas – visita da pesquisadora às escolas que integrariam o projeto
- Festival de encerramento com a apresentação dos grupos que integraram o projeto
- Avaliação final com a coleta de depoimentos de professores envolvidos no processo

O projeto teve seu início em maio de 2002 e encerrou-se com o festival em 18 de novembro do mesmo ano. Durante o desenvolvimento, este projeto sofreu algumas alterações, que não mudaram o resultado final, apenas acrescentaram valores como poderemos avaliar no decorrer da apresentação.

1º ENCONTRO	
Local	Escola Estadual Dom João Nery
Data	02 de maio de 2002

Este encontro inicial teve como objetivo apresentar a ginástica geral para todos os professores da DER/Leste convocados pela ATP. A intenção era convidá-los a ingressar o grupo que iria compor a pesquisa. A programação deste primeiro encontro foi dividida da seguinte forma:

1ª parte:

1. Recepção dos professores
2. Entrega e preenchimento do questionário (anexo 2)
3. Abertura com a ATP falando sobre a resolução
4. Apresentação da Profª Drª Elizabeth Paoliello – O que é ginástica geral?
5. Apresentação da Profª Cláudia Bertolini:
6. Apresentação de um vídeo com uma amostra de ginástica geral em um ambiente escolar.

2ª parte:

1. Vivência prática – todos os participantes deste primeiro encontro foram convidados a experimentar um modelo de aula, voltado para a prática da ginástica geral. Foram realizadas as seguintes atividades:

Atividade 1	
ALONGAMENTO	
<i>Objetivos:</i>	Reunir o grupo para dar início às atividades, Estimular a participação de todos, Aquecer e preparar o aluno para a atividade física mais intensa.
<i>Descrição da atividade</i>	Esta atividade deve ser realizada de forma livre, em que a orientação dos exercícios transita entre todos os participantes. O professor inicia sugerindo um exercício e após pede que os alunos participem dando idéias de novos alongamentos.

Atividade 2	
CARONA	
<i>Objetivos</i>	Trabalhar com o ritmo individual e grupal, Desenvolver uma pequena seqüência coreográfica com ludicidade, Trabalhar com a cooperação e estimular o contato com pessoas diferentes.
<i>Descrição da atividade</i>	1ª etapa - O grupo fica posicionado em um círculo. O professor ensina os quatro movimentos que compõem a seqüência, sem a utilização de música: - bater as mãos nas pernas (2X), - cruzar as mãos na altura do peito, intercalando a mão esquerda e direita em cima, - bater palmas (2X), - Fazer o movimento de pedir carona com as duas mãos (2X). 2ª etapa - Realizar os movimentos descritos acima com a utilização da música.

	<p>3ª etapa - O professor inicia sozinho a seqüência caminhando no círculo e procurando um par. O último movimento (pedir carona com as duas mãos) é trocado por bater as palmas das mãos com o par escolhido. Este entra no círculo com o professor e procura um par para bater as palmas das mãos. Os outros alunos não realizam ainda nenhum movimento. Eles só poderão entrar na brincadeira, quando forem escolhidos por alguma pessoa. Continuar até que todos tenham sido “contagiados”.</p> <p>4ª etapa - Quando todos já estiverem participando da brincadeira e dominando o jogo, parar a música e lançar um desafio, de ao reiniciarmos a música e após todos estarem “contagiados” ninguém mais poderá ficar sozinho, realizando o último movimento da seqüência sempre com alguém.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Atividade 3	
SIGA O MESTRE	
<i>Objetivos</i>	<p>Propiciar a todos o momento de liderança, o respeito às suas idéias, a criação de seqüências de movimentos integrando música e espaço Despertar para os aspectos que integram os movimentos.</p>
<i>Descrição da atividade</i>	<p>Esta atividade já é bastante conhecida por todos que trabalham na área da educação física, mas neste caso específico, o enfoque está nas orientações a cada troca de mestre. Inicialmente pede-se que montem grupos de quatro pessoas, de preferência grupos mistos. Ao som da música, os pequenos grupos deverão deslocar-se e movimentar-se no espaço tentando repetir o que o seu mestre está propondo, quando a música é trocada, o grupo deverá trocar também o mestre. A cada troca de música, o professor aproveita para dar algumas sugestões que irão tornar o trabalho mais elaborado:</p> <p>Música 1 – deixe o grupo trabalhar livremente e observe como ele se desloca e ocupa o espaço, Música 2 - antes de iniciar uma nova música sugerir que o mestre realize movimentos variando o nível de ocupação espacial, utilizando outros níveis, como o médio (agachamentos) e o baixo (rolamentos, engatinhar...),</p>

	<p>Música 3 – antes de iniciar esta nova música sugerir que o mestre procure explorar o espaço (grades, arquibancadas e obstáculos) e também os outros grupos,</p> <p>Música 4 – antes de iniciar esta música sugerir que os grupos explorem de forma mais dinâmica todos os segmentos corporais (braços, cabeça, tronco, pernas...),</p> <p>Música 5 – eu em relação aos outros - antes de iniciar esta música sugerir que o grupo se desloque utilizando outras formações (círculos, colunas, filas, grupos,...).</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Observações da pesquisadora: para este encontro foram convocados todos os professores que trabalham com educação física na DER/Leste para conhecer a ginástica geral. Sentimos muita receptividade vinda da maioria dos professores. O início da reunião foi um pouco tumultuado, os professores queriam conversar sobre os jogos de campeonatos, uniformes e outras questões paralelas, fato que, no decorrer do curso, repetiu-se com frequência. Na parte prática houve a participação maciça dos professores nas atividades, salvo um pequeno grupo de professores que ficou de braços cruzados apenas olhando e conversando.

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Este questionário inicial teve como principais objetivos: conhecer a infra-estrutura da escola onde os professores trabalham e seu conhecimento em ginástica geral. Das 79 escolas da regional Leste compareceram 27 professores neste primeiro encontro. Destes, 25 responderam o questionário.

Pudemos verificar que, em relação à infra-estrutura das escolas, o nosso professor trabalha nas seguintes condições:

- Todas as escolas possuem quadra poli esportiva, em condições variadas de manutenção. Destas quadras, 16 são descobertas e nove cobertas
- 18 escolas possuem pátio e sete não. Alguns pátios não podem ser usados pelos professores
- Ginásio é uma estrutura rara, somente três escolas possuem.

- A maioria tem à sua disposição um aparelho de som para ser utilizado nas aulas de educação física. Apenas quatro escolas não possuem este material
- Em relação aos materiais desportivos verificamos uma grande carência e algumas curiosidades. Os materiais encontrados nas escolas entrevistadas são: colchões (7), plintos (4), fitas (4), trampolim (1), colchonetes (6), arcos (13), bolas (12), maçãs (8), cordas (7), trave (1) e bastões (3)
- Alguns destes materiais são básicos para desenvolver qualquer área de conhecimento a ser trabalhada na educação física. Por exemplo, corda e bola são materiais essenciais e que apesar disto não encontramos em todas as escolas. Traçando um paralelo seria o mesmo que um professor de classe dar aula sem lousa e giz
- Uma curiosidade é a maçã. Um aparelho caro, difícil de ensinar, de manejar, mas que encontramos em oito escolas e em grande quantidade
- Outro dado importante em relação aos materiais, é que não encontramos nenhum material alternativo presente nas escolas. Nada diferente, apenas o básico. Nenhuma perna-de-pau, pára-quedas, tecidos, bambus...

Em relação ao conhecimento anterior em ginástica geral e à realização de atividades de demonstração em suas escolas verificamos que:

- Dos 25 professores entrevistados, 11 já conheciam esta proposta corporal e 14 nunca tiveram contato com ela.
- Destes 11 professores que conheciam a ginástica geral, quatro tiveram contato com ela através de cursos promovidos pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP
- Dos professores entrevistados 17 realizam alguma atividade de demonstração em datas comemorativas

2º ENCONTRO	
Local	Sala da secretaria de esportes da Prefeitura Municipal de Campinas
Data	11 de junho de 2002


Atividade 4

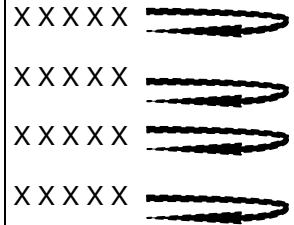
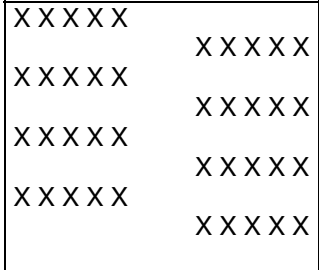
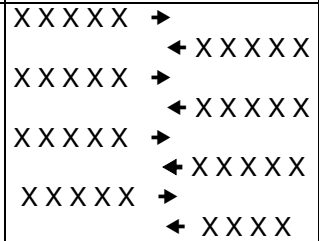


Figura 18 – professoras da rede estadual realizando atividade de espelho

ESPELHO ou IMÃ	
<i>Objetivos:</i>	Integrar os alunos dois a dois, Explorar o espaço, Propiciar um momento de liderança através da ludicidade.
<i>Descrição da atividade</i>	Solicitar que fiquem dois a dois, um é o robô e o outro é o controle do robô. Um de frente para o outro, com as mãos para trás. Quando a música iniciar, o primeiro que coloca a mão na frente do rosto do outro é quem vai controlar inicialmente a brincadeira. O robô deve seguir com os olhos a palma da mão do controlador, deixando no máximo dois palmos de distância. O controlador deve fazer com que o robô explore no máximo os movimentos com criatividade e segurança.

Atividade 5	
ESCULTOR E ESCULTURA	
<i>Objetivos:</i>	Propiciar a interação e o toque entre pares
<i>Descrição da atividade</i>	Em duplas, um é o escultor e o outro é a escultura. A “argila” deve ser preparada, amassando bem, para que fique maleável, facilitando o trabalho do escultor. Este deve esculpir a sua obra de arte e quando for solicitado, finalizar com a “assinatura”. Realizar, antes da troca de pares, uma exposição, para que todos possam ver as esculturas que os colegas fizeram.

Atividade 6		Figura 19 - professores em composição de deslocamentos variados
	DESLOCAMENTOS	
<i>Objetivos:</i>	Vivenciar os movimentos básicos de deslocamento (andar, saltitar, saltar...), Desenvolver o ritmo do grupo e despertar para a conscientização do alinhamento (eu em relação aos outros e ao espaço), Proporcionar ao grupo a criação de seqüência de movimentos	
<i>Descrição da atividade</i>	Dividir o grupo em quatro colunas, dispostas lado a lado. A cada passagem o grupo deve variar o deslocamento de acordo com a proposta lançada.	

		<p>1ª passagem - andar com elevação dos membros superiores. Desafio - manter o alinhamento lateral.</p> <p>2ª passagem – nesta passagem cada grupo deve combinar o andar com uma variação de segmento corporal ou ainda um caminhar de forma original. Os grupos são formados pelos componentes de cada fila e não pela coluna. É dado um tempo para que cada grupo combine e ensaie a sua passagem.</p>
		<p>3ª passagem – passo une passo. Neste momento ainda não colocar o posicionamento correto dos braços, apenas coordenar o passo com o alinhamento lateral. Para a realização da próxima etapa o grupo deve ser dividido em duas partes, um de frente para o outro.</p>
		<p>4ª passagem – grandes saltos (afastados)</p>
<p><i>Legenda:</i></p>	<p>X = alunos ➡ = direção e sentido do deslocamento do grupo</p>	

Atividade 7

Figura 20 – professores da rede pública realizando atividades com arcos

MANIPULAÇÃO E EXPLORAÇÃO DE MATERIAIS – ARCOS

<i>Objetivos:</i>	Explorar e manipular materiais diferentes, Respeitar o trabalho e a idéia dos outros, Saber ouvir, ver, apreciar e criticar, Montar uma seqüência de movimentos,
<i>Descrição da atividade</i>	1ª parte – construção do material. 2ª parte – exploração e manipulação do material. Exploração individual do aparelho. O professor lança desafios como: o que podemos realizar com este material? Quais são os movimentos possíveis? Formar duplas – criação e execução. Quais são os movimentos possíveis de serem trabalhados em duplas com os arcos? Unir duas duplas, neste momento cada dupla deverá passar os movimentos que realizou para a outra dupla. Neste caso não poderá haver interferência ou mudança dos movimentos, independentemente se a outra dupla gostou ou não do trabalho. Compor as duas partes numa seqüência. Após unir as duas mini composições, criar no quarteto uma seqüência de movimentos de 8 a 16 tempos.
<i>Análise da música</i>	Damos uma pequena pausa e paramos para ouvir a música que será utilizada. Analisar o tempo da música se é um compasso quaternário, quantos ‘oito tempos’ a compõe, se tem alguma particularidade, etc.

<i>Descrição da atividade</i>	<p>Voltar ao grupo e tentar compor a seqüência de movimentos idealizados na música.</p> <p>Deixar o grupo trabalhar livremente, com a música tocando e o professor contando alto, marcando bem o ritmo. Durante o trabalho, numerar os grupos visando a apresentação.</p> <p>Cada grupo apresenta o trabalho para os outros participantes.</p>
-------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Observações da pesquisadora: este encontro foi muito animado e produtivo. Na primeira parte trabalhamos com um pequeno texto sobre os elementos constitutivos de uma composição coreográfica em ginástica geral: música, espaço e movimentos. A discussão ficou centrada na questão da participação masculina nas aulas de ginástica e composições: os valores éticos e a motivação.

Pudemos notar que a maioria dos professores enfrenta problemas ao tentar incluir os meninos nas atividades de expressão. É uma grande batalha entre o futebol e a ginástica na qual muitos professores desistem. Os meninos afirmam que ginástica é feminina e se recusam a participar. Neste momento relatei a minha experiência no Parthenon e quais são as estratégias utilizadas para incluir todos nas atividades gímnicas.

Na atividade de deslocamento, a grande participação, o trabalho em grupo e a música contagiante levaram o grupo a sugerir que finalizássemos a coreografia. A intenção era apresentá-la no festival. Eles desejavam mostrar para os seus alunos um trabalho. Ficou então combinado que durante os próximos encontros voltaríamos a trabalhar com esta seqüência.

Na atividade de exploração e manipulação de arcos, além de toda a metodologia que envolve o trabalho de criação em grupo, discutimos com os professores a questão das atitudes que devemos esperar dos nossos alunos como espectadores. Na apresentação do trabalho final de cada grupo, todos foram orientados apenas a assistir, não era possível neste momento que os outros grupos treinassem ou conversassem. Era o momento para apreciar o trabalho dos outros. Orientamos os professores em relação às vaias, à impaciência. Levantamos com eles quais as atitudes esperadas de um bom espectador. Durante a apresentação não iniciávamos a música antes que todos estivessem em absoluto silêncio. Na apresentação de um trabalho o aluno deve ter a garantia que o

professor e seus colegas estarão observando, analisando o que está sendo feito. Um excelente exercício para a paciência, auto-estima, ansiedade e para acostumar-se à exposição em público.

Os comentários dos professores em relação a esta atividade foram a oportunidade de vivenciarem novamente o papel de aluno com as mesmas sensações (nervoso, vergonha, medo, vencer a ansiedade).

No momento da avaliação das composições, foi levantado novamente pelos professores, que ela deve ser clara, pontuando os aspectos positivos, os pontos altos e quais as partes que podem ser melhoradas. A avaliação foi feita em grupo.

CONSTRUINDO MATERIAIS PARA A PRÁTICA DA GINÁSTICA GERAL



Figuras 21 e 22 – alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – latas, tocos de madeiras e bolas de malabares



Figuras 23 e 24 – alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – carrinhos e elásticos



Figuras 25 e 26 – alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – carrinhos e mesas



Figuras 27 e 28 – alunos do Parthenon construindo e utilizando materiais variados nas aulas de educação física – perna de pau e saquinhos

Verificamos no questionário de anamnese que um dos grandes problemas que o nosso professor enfrenta é a falta de materiais. Poucas são as escolas que dispõem de uma quantidade e variedade de implementos que possibilitem ao professor um trabalho variado em todas as áreas da cultura corporal. Este problema não é exclusivo da rede pública. Muitas vezes encontramos esta realidade nas escolas particulares.

Ao lermos os resultados da pesquisa podemos também ficar na dúvida: o que o professor considera como material de educação física? Será que ao responder, ele se esqueceu de incluir objetos típicos como pneus, cordas, bexigas, jornal, tecidos, vendas, tocos de madeira, cabos de vassoura, de bambu, tacos de bates, saquinhos de areia, cones, bolas de meia, escadas, tábuas de madeira,... ou ele não considera mais estes materiais como os da sua área?

Para muitos professores, o material de educação física é a bola oficial de vôlei, basquete, handebol e futebol. Para outros, principalmente para quem trabalha com a educação infantil e fundamental de 1ª a 4ª série, este material é insuficiente e pobre. Para exercer plenamente sua profissão e oferecer ao aluno um ambiente rico para explorar toda a sua potencialidade, ele necessita de alternativas. Ele precisa de outras cores, além das sujas, outras formas, além da redonda, outras ações e reações, além do quicar, chutar,

arremessar e lançar. Precisa de mais alternativa.

Sabemos que os recursos para a aquisição normalmente é escasso e os materiais que o mercado oferece são caros e muitas vezes de péssima qualidade. Muitos materiais também não são comprados, mas sim garimpados.

No desenvolvimento de um trabalho com ginástica geral, a construção e utilização de materiais alternativos constituem o ponto chave desta proposta corporal. Não existe um festival nacional ou internacional em que a criatividade na utilização de aparelhos inusitados não se transforme em uma atração.

No Brasil, o Grupo Ginástico Unicamp é o principal banco de idéias na utilização destes tipos de implementos. Tornou-se, ao longo de 15 anos de existência, uma referência mundial quando o assunto é criatividade. Podemos apreciar em suas coreografias aparelhos como: bambus gigantes, pernas-de-pau, jornais, aqua-tub, pára-quedas, galões de água, tecidos em forma de tubos, latas, cordas grandes e pequenas... Uma explosão de cores, formas, tamanhos. Um turbilhão de idéias. É considerado, atualmente, como o veículo de experimentação e difusão das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em ginástica geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Possui uma tendência eminentemente pedagógica, oferecendo um “banco de idéias” aos profissionais que querem trabalhar com a ginástica na escola ou na comunidade.

Cada apresentação deste grupo deve ser apreciada como uma mostra pedagógica e não apenas como uma composição coreográfica.

A construção e a utilização de materiais alternativos pode representar então uma saída não só para sanar o problema da falta de recursos materiais, mas também para incrementar as atividades e motivar os alunos.

A CONSTRUÇÃO DE ARCOS

Neste curso desenvolvemos com os professores algumas idéias de como construir materiais oficiais e alternativos. Neste segundo encontro trabalhamos com os arcos. Foram utilizados arcos construídos com canos de PVC flexível de uma polegada. Cada cano é cortado com 2,5 metros aproximadamente e as extremidades unidas por uma conexão em

PVC rígido. Todo este material pode ser adquirido em qualquer casa de material de construção. O custo de cada aparelho é muito baixo e se o cano for de qualidade, a duração é muito longa. No Parthenon temos arcos fabricados deste modo e que já tem 15 anos.

Para enfeitar este material, demos a sugestão de franjas longas feitas com plástico de construção. Ele foi cortado e grampeado no material.

A CONSTRUÇÃO DE BARANGANDÃO



Figura 29 – aluno brincando com o barangandão

Este brinquedo foi um grande achado. Aliás, os materiais na ginástica geral sempre aparecem assim, de repente do nada. Uma amiga que trabalha na Escola Casa da Gente – Campinas/SP, mostrou-me esta engenhoca feita de papel colorido certa de que eu gostaria de usá-la nas minhas composições coreográficas. Ela acertou. Isto foi em 1997.

Transformamos este barangandão em uma composição coreográfica no Parthenon. Dividindo este conhecimento com amigos e através de cursos conseguimos difundir-lo por toda Campinas/SP. Ele substitui muito bem a fita da ginástica rítmica, com menos possibilidades de desenhos, mas com o mesmo colorido. Algumas pessoas já o recriaram utilizando outros materiais mais duráveis como tecido-não-tecido (TNT).



Figura 30 – alunos construindo o barangandão

Este material foi descrito por Adelsin (1997, p.52), que em suas andanças atrás de brinquedos construídos por meninos da região de Minas e Bahia, encontrou esta maravilha. Segundo ele, barangandão é “um objeto (pedra, caroço de manga, pau...) amarrado numa linha com que os meninos brincam de muitas maneiras”. Na região de Minas ele é conhecido como Birimbau.

É um material muito simples de confeccionar, precisamos de jornal, barbante e papel crepom. Corte o papel crepom de várias cores em tiras de mais ou menos dois dedos de largura. Pegue três páginas de jornal, dobre-as ao meio e coloque em uma extremidade as tiras de crepom uma em cima da outra. Vá dobrando o jornal, enrolando o crepom, até formar uma tira. Dobre esta tira uma três ou quatro vezes até que o jornal tenha virado um pacotinho. Amarre bem forte o pacote numa das pontas do barbante (1 metro). Pronto, é só brincar ou “ginasticar”.

3º ENCONTRO	
Local	ginásio de esportes do Taquaral
Data	18 de junho de 2002

Atividade 8	
DANÇA CIRCULAR I	
<i>Objetivos:</i>	Vivenciar os movimentos básicos de deslocamento (andar, saltitar, saltar...), utilizando estratégias variadas. Desenvolver o ritmo do grupo e despertar para a conscientização do alinhamento (eu em relação aos outros e ao espaço), Propiciar atitudes de respeito e movimento social
<i>Descrição da atividade</i>	A dança é realizada em duplas, dispostas em um círculo. Uma pessoa dentro e outra do lado de fora. Mãos dadas em V (lado a lado). <ul style="list-style-type: none"> - 4 passos para frente, - Soltar as mãos, realizar meio-giro dando as mãos novamente, - 4 passos para trás, - 4 passos para frente, - Soltar as mãos, realizar meio-giro dando as mãos novamente, - 4 passos de costas, - Realizar um saltito lateral ficando desta forma “grudado” com o seu par, - Realizar outro saltito lateral afastando-se do seu par, - A pessoa que está do lado de fora realizará um giro de 180º passando pela frente do seu par. Para isto deve trocar de mão, - Realizar um saltito lateral ficando desta forma “grudado” com o seu par, - Realizar outro saltito lateral afastando-se do seu par, - A dupla elevará os braços que estão de mãos dadas e a pessoa que está dentro do círculo deverá passar por debaixo dos braços em diagonal, - Mudar de par.

Continuação da Atividade 6



Figura 31 – atividade de deslocamento

DESLOCAMENTOS

<i>Objetivos:</i>	<p>Vivenciar os movimentos básicos de deslocamento (andar, saltitar, saltar...), Desenvolver o ritmo do grupo e despertar para a conscientização do alinhamento (eu em relação aos outros e ao espaço), Proporcionar ao grupo a criação de seqüência de movimentos</p>	
<i>Descrição da atividade</i>	<p>1 1 2 2 5 5 3 3 4 4 1 1 2 2 5 5 3 3 4 4 1 1 2 2 5 5 3 3 4 4 1 1 2 2 5 5 3 3 4 4</p>	<p>Deslocamentos com palmas acima da cabeça formarão 5 círculos</p>
		<p>No círculo central (5), os integrantes realizam uma pirâmide da ginástica acrobática, nos círculos laterais (1,2, 3, 4) – elevar braço direito em dois tempos, braço esquerdo em dois tempos, agachar em quatro tempos, deitar no chão com os braços e pernas afastadas em forma de estrela, subir em oito tempos</p>

Atividade 9	
EXPLORAÇÃO – BARANGANDÃO ARCO-ÍRIS	
<i>Objetivos:</i>	Construir um material não oficial para a prática da ginástica geral Explorar movimentos com o material
<i>Descrição da atividade</i>	Após a construção do material realizamos atividades de explorar e manipular este material alternativo. Foram realizados os seguintes movimentos individualmente: - Giros variados (à frente do corpo, ao lado, em cima da cabeça...), - Movimentos em oito, - Lançamentos, - Pequenos círculos.

Observações da pesquisadora: na madrugada teve jogo do Brasil pela Copa do Mundo. Todos estavam cansados faltando motivação e energia para as atividades.

Entre a dança circular e a construção do barangandão retomamos alguns pontos sobre a composição coreográfica: material e vestuário. Neste encontro, as atividades foram realizadas no Ginásio de Esportes do Taquaral – Campinas/SP, e como o espaço é muito grande, o grupo ficou disperso com muitas conversas paralelas, pouco entrosamento. Foi muito cansativo.

Algumas pessoas deram retorno positivo contando que já realizaram atividades nas escolas baseadas na metodologia desenvolvida até aqui.

DANÇAS CIRCULARES

As danças circulares também podem ser reconhecidas como danças circulares sagradas, danças sagradas. Elas foram criadas nos anos 70 em uma comunidade espiritual – Findhorn, na Escócia, a partir de uma série de danças folclóricas que foram ensinadas aos seus residentes pelo coreógrafo alemão Bernhard Wosien. Este professor

reconhecia nestas danças um valor curativo e altamente integrativo. A intenção do professor Wosien era que eles preservassem e desenvolvessem na comunidade novamente o espírito da dança comunitária. (Berni, 1997, p.3). Esta ação obteve sucesso. Da comunidade de Findhrorn as danças circulares se espalharam pelo mundo.

4º ENCONTRO	
Local	Salão do Clube ABRSCC
Data	04 de julho de 2002

Atividade 10



Figura 32 – atividades realizadas pelos professores do curso com o pára-quadras

EXPLORAÇÃO E MANIPULAÇÃO DO PÁRA-QUEDAS	
<i>Objetivos:</i>	Integrar os alunos através de uma atividade cooperativa Oportunizar a exploração de um material de grande porte não oficial da ginástica geral
<i>Descrição da atividade</i>	Os professores foram convidados a vivenciar algumas destas possibilidades. Realizamos os seguintes exercícios: <ul style="list-style-type: none"> - Chacoalhar, - Levantar e abaixar o pára-quadras, - Levantar, andar para o centro e fechar, - Levantar e soltar o pára-quadras, - Rodar para os dois lados, - Trocar de cores passando por baixo, - “Cabaninha” (ficar embaixo do pára-quadras), - Deitados no chão, bater os pés no pára-quadras.

Atividade 11



Figura 33 - professores assistindo vídeos de ginástica geral

APRESENTAÇÃO DE VÍDEOS DE GINÁSTICA GERAL

<i>Objetivos:</i>	Apreciar a ginástica geral Aumentar o universo de conhecimento, identificando as características da ginástica geral e verificando outras possibilidades de apresentações.
<i>Descrição da atividade</i>	Nesta atividade foram apresentados vídeos de apresentações de ginástica geral da: . Gymnaestrada Mundial (1991 e 1995) . Abertura da Olimpíada Cultural do Instituto Educacional Parthenon



Figura 34 - churrasco de confraternização

Observações da pesquisadora: este encontro foi atípico. Ele foi realizado no mesmo local e dia de um churrasco de confraternização dos professores da regional leste. As

atividades foram desenvolvidas rapidamente e sem aprofundamento. Todos os vídeos selecionados não puderam ser apreciados e os que foram assistidos não puderam ser analisados e discutidos.

GINÁSTICA GERAL E A COOPERAÇÃO – traçando paralelos...

A ginástica geral pela sua própria definição seria a mais cooperativa de todas as ginásticas. Desprovida de regras que a limitem e competição que inibam a participação de qualquer um, a ginástica geral pode ser o símbolo da cooperação.

O jogo cooperativo pode ser definido como uma atividade com finalidade própria, ligada à sensação de prazer. Ela é regida por um conjunto de regras que facilitam a expressão individual, coletiva, comunicação e cooperação. Em um mundo tão necessitado de valores como a cooperação e a solidariedade, onde a paz é um valor quase inalcançável, os jogos cooperativos apresentam-se como uma alternativa educativa. Se mudarmos na definição acima, o termo “jogos cooperativos” por ginástica geral, continua perfeitamente correto.

O jogo, a brincadeira é um patrimônio cultural da humanidade. A função mais importante e fundamental destas atividades é a transmissão de valores culturais. Eles permitem à criança incorporar os valores necessários para que se torne um membro ativo de seu grupo social. Como expressão lúdica da cultura de um povo, jogos, brincadeiras e outras atividades corporais são formas de socialização que visam reproduzir as relações sociais estabelecidas e, na medida em que ensinam os indivíduos desde crianças o que é e o que não é valorizado socialmente, tornam-se também instrumentos ideológicos, isto é, colocam-se a serviço de um determinado modelo social.

Uma cultura violenta estimula brincadeiras e jogos violentos. A cultura excludente e individualista, baseada na exploração e no consumismo insaciável, coloca a vitória como prêmio, o sucesso individual na disputa contra os demais.

Toda a atividade da cultura corporal que transmitimos aos nossos alunos apenas reflete os valores da nossa ordem cultural, um sistema econômico competitivo e individualista. Mas, como educadores, o jogo, ao ser desenvolvido em nossas classes, não

deve ser apenas visto como uma forma de entreter os meninos, mas sim como uma proposta coerente com os valores pedagógicos que queremos transmitir.

Relatos mostram civilizações em que a competição vem em segundo plano. Em primeiro está sempre a convivência humana e social, a cooperação. Amizade em primeiro lugar, competição em segundo. Vencer ou perder é algo apenas temporário, enquanto a amizade é permanente.

Mas e na nossa sociedade competitiva, como trabalhar com as atividades cooperativas, entre as quais a ginástica geral? A prática das atividades cooperativas só é possível quando acreditamos que elas sejam práticas coerentes com a nossa proposta pedagógica. Estudos mostram que as atividades cooperativas se tornam mais aceitáveis à medida que são praticadas, e que quando mais cedo se começa a aprender a cooperar, mais fácil será consolidar esta prática.

PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE UMA APRESENTAÇÃO DE UMA COREOGRAFIA EM UM EVENTO DE GINÁSTICA COMPETITIVA E DE GINÁSTICA GERAL	
GINÁSTICA COMPETITIVA	GINÁSTICA GERAL
Pode ser divertida apenas para alguns	Pode ser divertida para todos
A maioria pode ter um sentimento de derrota	A maioria pode ter um sentimento de vitória
Alguns podem ser excluídos por sua falta de habilidade	Há uma maior possibilidade de mistura de grupos que praticam juntos criando alto nível de aceitação mútua
Pode aprender-se a ser desconfiado	Todos podem participar e ninguém deveria ser rejeitado ou excluído
Os perdedores podem ficar de fora da competição em algum momento e simplesmente se tornar observadores	Os praticantes têm a possibilidade de vivenciar o senso de unidade e a compartilhar o sucesso
Os ginastas normalmente não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de "ruim" acontece com os outros	Podem desenvolver a autoconfiança porque são todos inicialmente bem aceitos
Pouca tolerância à derrota pode desenvolver em alguns ginastas um sentimento de desistência face às dificuldades	A habilidade de perseverar face às dificuldades pode ser fortalecida
Poucos podem tornar-se bem sucedidos.	Para cada um a ginástica geral pode ser um caminho de crescimento coletivo.

Quadro 6 – principais diferenças entre uma apresentação de uma coreografia em um evento de ginástica competitiva e de ginástica geral

Um estudo clássico realizado por Brown (1994) traça as diferenças entre o jogo competitivo e o jogo cooperativo. Decidimos então, através de pequenas alterações, transformar e mudar este quadro para as principais diferenças entre uma apresentação de uma série de ginástica competitiva e a ginástica geral (cooperativa). Aceitamos que uma atividade é cooperativa quando:

- A gente realiza com os outros e não contra os outros
- Praticamos para superar desafios ou obstáculos e não para vencer os outros
- Busca a participação de todos
- Dá importância a metas coletivas e não a metas individuais
- Busca a criação e a contribuição de todos
- Busca eliminar a agressão física contra os outros
- Busca desenvolver atitudes de empatia, cooperação, estima e comunicação.

EXERCÍCIOS COM PÁRA-QUEDAS - um exemplo de cooperação em educação física



Figura 35 – pára-quedas

Trabalhar com o pára-quedas em um curso de ginástica geral não acontece por acaso. O pára-quedas é um dos materiais que mais simbolizam a atividade cooperativa. É impossível trabalhar com ele sem que haja a participação de todos. A prática de jogos com

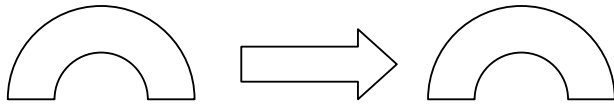
o pára-quedas no ambiente escolar representa um grande valor no desenvolvimento de conceitos, habilidades e atitudes como comunicação, cooperação (uma estreita relação entre educação física e esporte). Traçando um paralelo com a ginástica geral, além dos jogos, este material alternativo possibilita uma gama de movimentos criativos, alegres e dinâmicos.

Segundo (Juegos, 1994) existem três tipos de jogos possíveis com os pára-quedas:

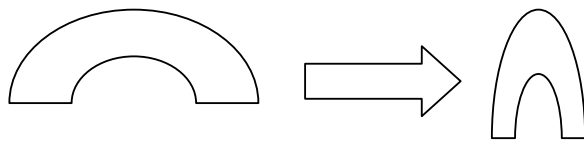
- Os jogos iniciais cujos objetivos são: alcançar o manejo básico com o pára-quedas, preparar o ambiente social e aquecer o físico
- Os jogos centrais que são aqueles em que uma vez assimilados os movimentos em que o grupo faz com o pára-quedas se tem como objetivo claro e definido os desafios motores, intelectuais ou afetivos. Neste conjunto de jogos temos como propriedade a alternância de esforço e progressiva dificuldade
- Os jogos de relaxamento – tem como objetivo obter uma volta à calma mais motivante e criativa

Abaixo apresentamos uma coletânea de jogos, brincadeiras e atividades que podem ser realizados com o pára-quedas (PQ). Eles foram criados, recriados, emprestados, copiados, enfim reunidos ao longo de vários anos. Podemos realizar os seguintes jogos:

- Subir e abaixar o PQ, flexionando as pernas
- Subir e abaixar o PQ, só com braços
- Ola (onda)
- Subir o PQ, vá ao centro e diga o seu nome e saia antes que ele abaixe
- Subir o PQ, vá ao centro e diga o nome das pessoas que estão ao seu lado e saia antes que ele abaixe
- Subir o PQ, vá ao centro, diga seu nome e uma rima e saia antes que ele abaixe
- Subir o PQ, vá ao centro e chame alguém para tomar seu lugar, saia antes que ele abaixe
- Troca de lugares – levantar o PQ e o professor deverá indicar quem troca de lugar (homens, mulheres, todos...)
- Subir o PQ, antes que ele abaixe todos deverão deslocar de lugar levando o material junto

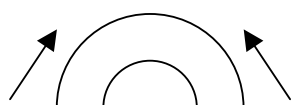


- Subir o PQ e quando ele estiver inflando todos deverão se deslocar para o centro dele sem soltar as mãos do material



- O esconderijo – subir o PQ, quando estiver bem inflado todos soltam as mãos e deverão correr atrás do material e se esconder embaixo dele
- Gato e rato – um dos participantes é escolhido como gato, que deverá correr em cima do pára-quedas, e o outro, o rato, que deverá se deslocar por baixo do material. Os outros participantes deverão balançar bastante o material, dificultando a ação do gato, que é apanhar o rato
- Pula-pula – subir o PQ, descer e colocar as bordas no chão, então algumas pessoas são escolhidas a andar em cima do pára-quedas
- Voltar ao seu lugar – numerar os participantes em 1 e 2. Ao sinal 1 levanta o PQ e 2 dá a volta pelo lado de fora até chegar novamente ao seu lugar, antes que ele caia
- O caroço – o PQ é a polpa e vocês são o caroço
- Fazer uma bola rolar em cima do PQ como uma ola
- Pipoca – com as bolinhas de plástico ou similares, simbolizar o PQ como uma grande panela, o professor acende o fogo, coloca o óleo, o milho e o sal. Devagar a panela vai esquentando e quando a pipoca começa a estourar todas as bolinhas deverão estar do lado de fora do pára-quedas. Pode-se cantar aquela velha música dos tempos da pipoca de panela e não de microondas: estoura pipoca Maria porroca...
- Vários arcos são colocados no chão, quando o PQ for erguido, alguns participantes deverão entrar e sair dos arcos, antes que ele desinfe

- Um dos participantes fica num ponto distante do PQ, os amigos deverão erguer o PQ, se deslocar e tentar encaixar o centro do material na cabeça do amigo
- Dar a volta tocando todos – numerar os participantes em 1 e 2. Ao sinal 1 levanta o PQ e 2 dá a volta pelo lado de fora tocando nas costas de todos os amigos até chegar novamente ao seu lugar, antes que ele caia. Pode-se fazer um de cada vez também
- Escalada – inflar o PQ, colocar rapidamente as bordas no chão e escalar com as mãos o PQ até que ele murche



- Subir o PQ vá ao centro, bata palmas e saia antes que ele abaixe
- Tartaruga gigante – subir o PQ e sem soltar o material girar com mãos no ombro e abaixe colocando a borda no chão. Forma-se uma grande tartaruga, que se desloca pelo espaço
- Cabana – todos levantam o pára-quedas e sem soltar o PQ entram debaixo dele e se sentam na borda formando uma grande cabana, Nesta posição brincar de deitar, balançar os pés, etc...
- Os bichos – grupos 1 e 2 – um grupo com o PQ inventa um bicho que deverá ser formado pelas pessoas e pelo material, o outro grupo tenta adivinhar. Trocar de papéis
- Quem falta? – dividir em grupo 1 e 2, o grupo 1 esconde alguém debaixo do PQ sem que vejam. O grupo 2 tenta descobrir quem está faltando. Inverter os papéis

5º ENCONTRO	
Local	Sala da secretaria de esportes da Prefeitura Municipal de Campinas
Data	21 de agosto de 2002

Atividade 12

DANÇA CIRCULAR II	
<i>Objetivos:</i>	Vivenciar os movimentos básicos de deslocamento (andar, saltitar, saltar...), utilizando estratégias variadas, Desenvolver o ritmo do grupo e despertar para a conscientização do alinhamento (eu em relação aos outros e ao espaço), Propiciar atitudes de respeito e movimento social.
<i>Descrição da atividade</i>	<p>Shetland Wedding Real – “uma dança de pares das Ilhas Shetland, na Escócia. Esta forma de dança também é conhecida em outras regiões da Europa, como por exemplo, a Bavária” (Barton, 1995 – p.14).</p> <p>Dança de pares. Num círculo, os pares estão de frente um do outro. Os homens vão no sentido anti-horário e as mulheres no sentido horário.</p> <p>* Uma reverência (1º e 2ºt), bate palmas com a mão direita, 3 vezes (3º e 4ºt)*, repete com a esquerda de * até *.</p> <p>Bate palmas com a mão direita, 3 vezes (1º e 2ºt). Bate palmas com a mão esquerda, 3 vezes (3º e 4ºt).</p> <p>Gira em torno de si em 4 passos para olhar o parceiro novamente (1º, 2º, 3º, 4ºt).</p> <p>Segurando o parceiro pelo cotovelo direito, girar com ele no lugar. Trocar para cotovelo esquerdo repetir no sentido anti-horário, ficando de frente para o próximo parceiro ao terminar.</p>

Atividade 13

Figura 36 - dança dos círculos concêntricos

DANÇA DOS CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

<i>Objetivos:</i>	Desenvolver o ritmo grupal Trabalhar a formação de círculos (exploração espacial)
<i>Descrição da atividade</i>	Dividir o grupo em dois círculos concêntricos: Realizar 7 saltitos laterais para a esquerda (nos 7 tempos da música) No 8º tempo parar e bater palma Realizar 7 saltitos laterais para a direita (nos 7 tempos da música) No 8º tempo parar e bater palma Realizar 3 saltitos laterais para a esquerda (nos 3 tempos da música) No 4º tempo parar e bater palma Realizar 3 saltitos laterais para a direita (nos 3 tempos da música) No 4º tempo parar e bater palma Realizar um saltito lateral para a esquerda Palma Realizar um saltito lateral para a direita, palma * Repetir de * a * Antes de reiniciar toda a seqüência realizar dois intervalos de oito tempos com exercícios abdominais, flexão de braço, exercício de perna (solicitar sugestões do grupo).

**Atividade
14**

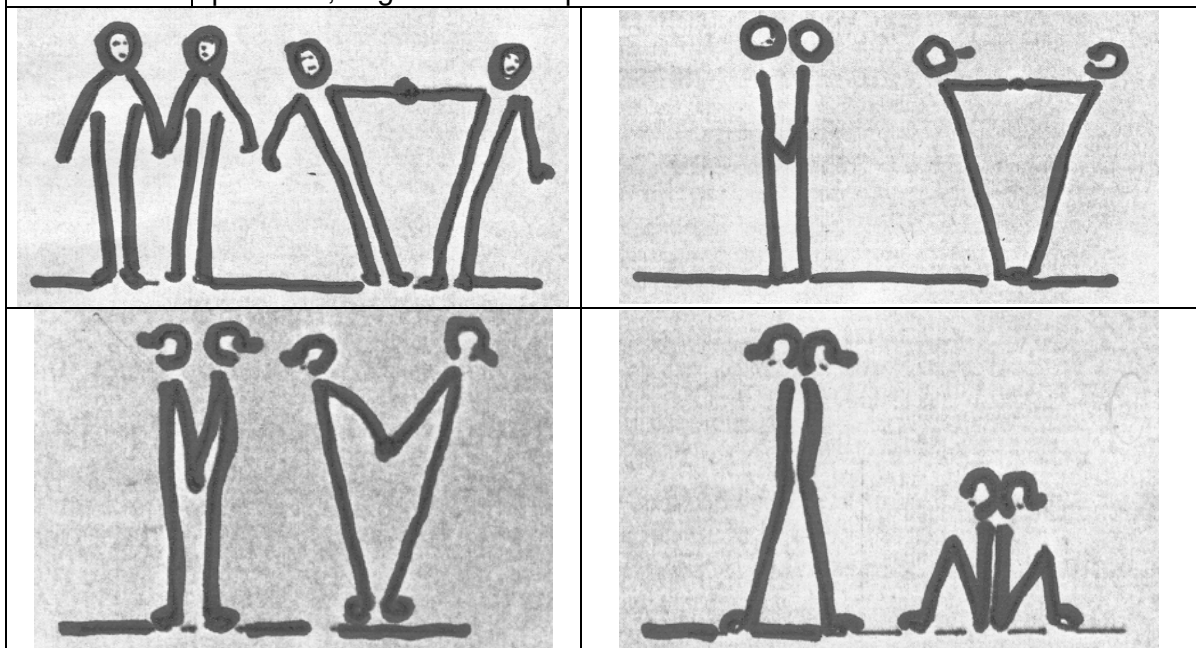


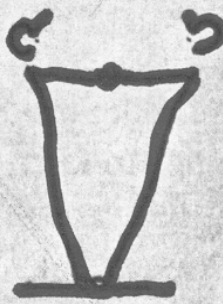
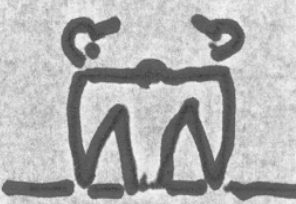
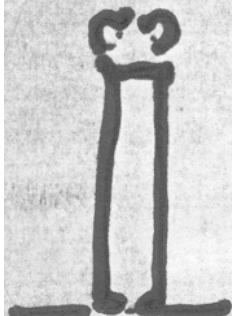
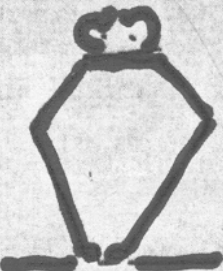
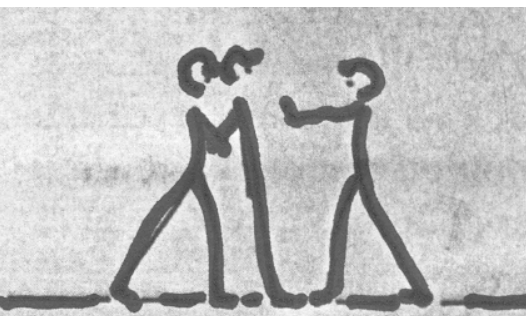
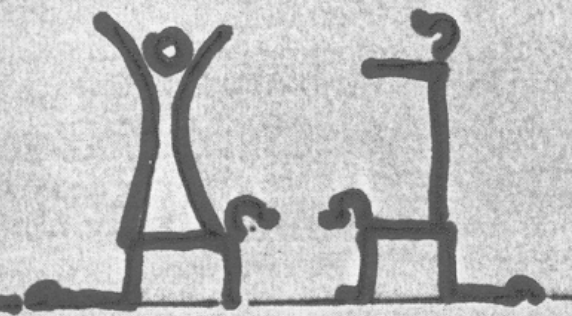
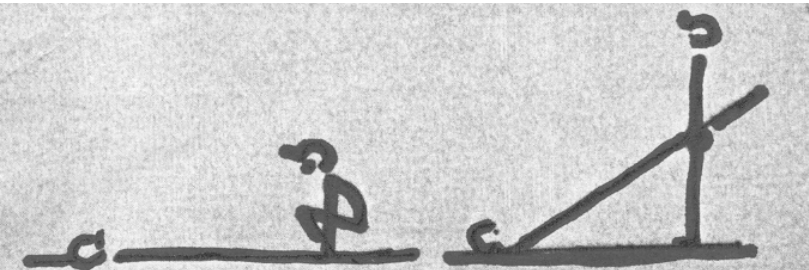
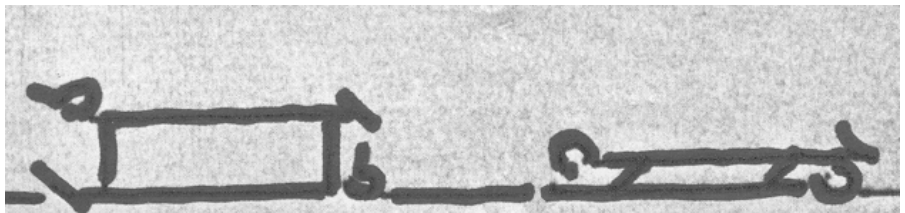
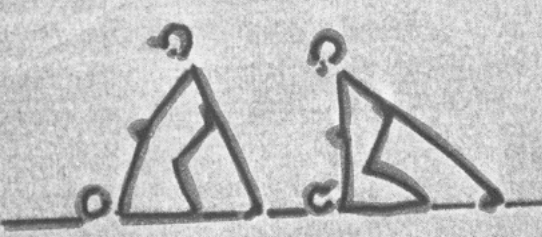
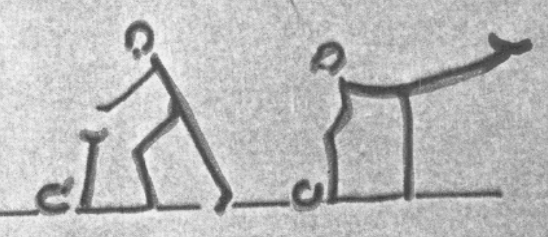
Figura 37 - professores realizando elementos da ginástica acrobática

GINÁSTICA ACROBÁTICA

Objetivos: Desenvolver a autoconfiança
Trabalhar com conceitos de cooperação

Descrição da atividade Desenvolver alguns conceitos e atividades básicas de ginástica acrobática, através da prática de pirâmides em duplas, trios e quintetos, seguindo os esquemas abaixo:



 	 
	
	
	
 	
<p><i>Descrição da atividade</i></p>	<p>Cada uma das figuras deve ser lançada como um desafio e auxiliar a mostrar o que deverá ser executado. Esta atividade deve seguir uma seqüência crescente de dificuldade.</p>

Atividade 15

Figura 38 - professores realizando atividades de exploração do macarrão

EXPLORAÇÃO E MANIPULAÇÃO DO ACQUA TUB (MACARRÃO)

<i>Objetivos:</i>	<p>Explorar e manipular materiais diferentes, Montar uma seqüência de movimentos Desenvolver a autoconfiança Saber ouvir, ver, apreciar e criticar Respeitar o trabalho e a idéia dos outros</p>
<i>Descrição da atividade</i>	<p>Exploração individual do aparelho. O que podemos realizar com este material? Quais são os movimentos possíveis? Formar duplas – criação e execução. Quais são os movimentos possíveis de serem trabalhados em duplas com o macarrão? Unir duas duplas, neste momento cada dupla deverá passar os movimentos que realizou para a outra dupla. Neste caso não poderá haver interferência ou mudança dos movimentos, independente se a outra dupla gostou ou não do trabalho. Compor com as duas partes uma seqüência. Após unir as duas mini composições, criar no quarteto uma seqüência de movimentos de 8 a 16</p>
<i>Análise da música</i>	<p>Damos uma pequena pausa e paramos para ouvir a música que será utilizada. Analisar o tempo da música se é um compasso quaternário, quantos oito tempos a compõe se tem alguma particularidade, etc.</p>
<i>Descrição da atividade</i>	<p>Voltar ao grupo e realizar os movimentos elaborados pelo grupo com a música proposta, Deixar o grupo trabalhar livremente, com a música tocando e o professor contando alto, marcando bem o ritmo. Durante o trabalho, numerar os grupos visando a apresentação, Cada grupo deve apresentar o trabalho para os outros participantes</p>

Observações da pesquisadora: este encontro foi ótimo, rendeu bastante. No final estávamos um pouco cansados pelo excesso de atividades. Enfrentamos os mesmos problemas com algumas pessoas (as mesmas) sentadas apenas observando, ou pior, conversando sobre coisas paralelas. A situação irrita um pouco.

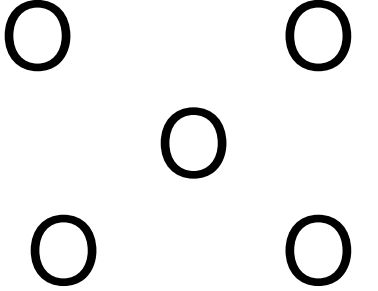
6º ENCONTRO	
Local	salão do Clube ABRSCC
Data	18 de setembro de 2002

Continuação da Atividade 06



Figura - 39 – atividade de deslocamento


DESLOCAMENTOS		
<i>Objetivos:</i>	Vivenciar os movimentos básicos de deslocamento (andar, saltitar, saltar...), Desenvolver o ritmo do grupo e despertar para a conscientização do alinhamento (eu em relação aos outros e ao espaço), Proporcionar ao grupo a criação de seqüência de movimentos	
X X X X X	...X X X X X X...	...X X X X X ↶
X X X X X	...X...X X X X X	...X...X X X X ↶
X X X X X	...X...X...X...X...X	...X...X...X...X...X ↶
X X X X X	...X...X...X...X...X	...X...X...X...X...X ↶

<p>Entrada – andando ao ritmo da música até chegar na formação dois.</p>	<p>Braço direito faz um movimento da esquerda para a direita, braço esquerdo faz um movimento da direita para a esquerda, saltitando para trás, até chegar na formação três, braços para cima e para baixo, movimento circular com as duas mãos no sentido anti-horário.</p>	<p>1ª passagem - andar com elevação dos membros superiores 2ª passagem – cada fileira passa com um passo diferente 3ª passagem – passo une passo. Para a realização da próxima etapa o grupo foi dividido em duas partes, um de frente para o outro.</p>
<pre> X X X X X → ← X X X X X X X X X X → ← X X X X X X X X X X → ← X X X X X </pre>		<pre> → X X X X X → ← X X X X X ← → X X X X X → ← X X X X X ← </pre>
<p>1ª passagem – realizar grandes saltos 2ª passagem – após repetir os grandes saltos, formar cinco pequenos grupos em deslocamentos com palmas acima da cabeça até chegar na próxima formação.</p>	<p>No círculo central, os participantes realizam uma pirâmide da ginástica acrobática. Nos círculos laterais voltados para dentro do círculo, realizar: elevar braço D, braço E, ajoelhar, sentar nos calcanhares, deitar em decúbito dorsal com braços estendidos acima da cabeça, pernas estendidas e afastadas. Subir e saltitando, batendo palmas em cima da cabeça, deslocar para a formação cinco.</p>	<p>Com as mãos dadas, as fileiras fazem um balanceio para lateral, intercalando como mostra a figura acima. Soltar as mãos e repetir a seqüência realizada na segunda formação Saltitando ir para a formação final</p>
	<pre> X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X X </pre> <p>as filas se unem e formam a posição final, sendo que a primeira fila bem baixa chegando até a última de forma crescente de tamanho</p>	

7º ENCONTRO	
Local	salão do Clube ABRSCC
Data	24 de setembro

Atividade 17	
DANÇA CIRCULAR III	
<i>Objetivos:</i>	Vivenciar os movimentos básicos de deslocamento (andar, saltitar, saltar...), utilizando estratégias variadas, Propiciar atitudes de respeito e movimento social.
<i>Descrição da atividade</i>	<p><i>Sugestão de dança</i> – Wheel of Fortune Esta dança foi criada por um grupo de workshop na Fundação Findhorn usando uma música Israelita chamada Vea Haya Ke'etz Shatul.</p> <p>(movimentando para a direita e olhando para a direita) pé direito (D) – pé esquerdo (E) – D E - D - E D E D E x 2 frente (f) junto</p> <p>Nos últimos 4 passos as mulheres viram para olhar seus parceiros e andam de costas</p> <p>1.a. todos andam para a D estalando os dedos, andam para a E estalando os dedos, fazem uma volta e meia no lugar para olhar para o parceiro do outro lado. Repetir 1.a. e terminar no círculo olhando no sentido anti-horário. Repetir 1 e 1.a. . Repetir 1.</p> <p>2.a. homens batem palmas 3 vezes num movimento de baixo para cima, para a D. Mulheres batem palmas 3 vezes num movimentos de cima para baixo, para a D. Repetir para a E e fazer o mesmo com o outro parceiro e retornar ao círculo. Repetir o 2 inteiro. repetir o 1 de maneira bem animada, pulando nos passos, repetir 2.a. Repetir o 3. inteiro.</p> <p>Final – olhando para o centro, todos batem palmas 3 vezes para a D. (homens para cima, mulheres para baixo), e daí para a E. Todos viram em 4 passos para a E no lugar e vagarosamente levantam os braços em direção ao centro para finalizar.</p>

<p>Continuação da atividade 06</p>		<p>Figura 40 – atividades de deslocamento</p>
<p>DESLOCAMENTOS (ENCERRAMENTO DA COREOGRAFIA)</p>		
<p><i>Descrição da atividade</i></p>	<p>Definição dos lugares e encerramento da coreografia</p>	

<p>Atividade 18</p>		<p>Figura 41 - professores na montagem da coreografia com macarrão</p>
<p>MONTAGEM DE UMA SEQÜÊNCIA COREOGRÁFICA UTILIZANDO O ACQUA TUB (MACARRÃO)</p>		

<i>Objetivos:</i>	Explorar e manipular materiais diferentes, Montar uma seqüência de movimentos Desenvolver a autoconfiança Saber ouvir, ver, apreciar e criticar Respeitar o trabalho e a idéia dos outros
<i>Descrição da atividade</i>	.Exploração individual do aparelho. O que podemos realizar com este material? Quais são os movimentos possíveis? .Formar duplas – criação e execução. Quais são os movimentos possíveis de serem trabalhados em duplas com o macarrão? .Unir duas duplas, neste momento cada dupla deverá passar os movimentos que realizou para a outra dupla. Neste caso não poderá haver interferência ou mudança dos movimentos, independentemente se a outra dupla gostou ou não do trabalho. Compor com as duas partes uma seqüência. .Após unir as duas mini composições, criar no quarteto uma seqüência de movimentos de 8 a 16
<i>Análise da música</i>	Damos uma pequena pausa e paramos para ouvir a música que será utilizada. Analisar o tempo da música se é um compasso quaternário, quantos oito tempos a compõem se tem alguma particularidade, etc.
<i>Descrição da atividade</i>	.Voltar ao grupo e realizar os movimentos elaborados pelo grupo com a música proposta, .Deixar o grupo trabalhar livremente, com a música tocando e o professor contando alto, marcando bem o ritmo. Durante o trabalho, numerar os grupos visando a apresentação, .Cada grupo deve apresentar o trabalho para os outros participantes

Observações da pesquisadora – neste encontro a ATP não estava presente. Não conseguimos iniciar no horário. A dança circular não foi bem escolhida. Os professores não gostaram muito, pois o som estava super baixo e não dava para ouvir. A música acelerava no final. Não deu certo. Para os próximos encontros vamos procurar uma alternativa para o aparelho de som.

Na coreografia de deslocamentos definimos os lugares finais para a apresentação no festival. Serão 30 professores. Passamos a coreografia duas vezes e decidimos que para o próximo encontro “limparíamos” os movimentos e trabalharíamos com a marcação de lugares através dos números.

Quanto ao macarrão, os professores desejaram, após vivenciar este material, montar uma seqüência coreográfica. Nos primeiros encontros em que foi solicitado o macarrão, poucos professores o traziam e fomos adiando o início desta atividade. Neste

encontro apenas oito professores vieram com seus macarrões, mas mesmo assim, como havíamos planejado, demos início a nossa montagem.

Sentamos e começamos a ouvir algumas músicas. A primeira eles acharam muito lenta e triste. A segunda eles adoraram. Passamos a ouvi-la inteira e dividi-la. Enquanto as pessoas que estavam sentadas contavam e analisavam a música, os professores que estavam com o material, começaram de forma autônoma a criar a coreografia.

A ação foi bem espontânea, natural e dinâmica. Foi uma atitude do tipo: *vamos deixar estas besteiras de lado e vamos logo fazer isto...* A grande maioria dos professores já trabalha com educação física escolar há anos. Ensinar para eles tornava-se em alguns momentos, difícil. E para eles ouvir como alunos também não deve ter sido nada fácil. Muitos já haviam trabalhado com ginástica geral e nem sabiam. A melhor saída para situações conflitantes foi me tornar parceira nesta aprendizagem.

A ginástica geral existe há muito tempo, desconhecida por este nome, mas por ginástica de apresentação, de demonstração, dança com material, entre outros. Os movimentos corporais não mudaram com o tempo, flexão, extensão, adução, explorar materiais, circundar arcos, sempre existiram. O grande diferencial da ginástica geral para as práticas que os professores faziam em suas escolas até então estão nos pontos que norteiam a ginástica geral. Quando pensamos em ginástica geral, devemos visualizar uma ginástica para todos os que querem e não apenas para aqueles que nós queremos. Oferecer ginástica geral na escola não significa montar um grupo com os melhores alunos, os mais fáceis, dóceis e flexíveis de serem trabalhados, os mais habilidosos. Trabalhar com ginástica geral na escola é oferecer a atividade a todos, respeitando as suas diferenças, contornando os problemas, enriquecendo o trabalho.

Estávamos diante de um grupo assim, heterogêneo, pluralista, cheio de personalidade. Enquanto alguns executavam os movimentos, aqueles que estavam sentados auxiliavam na montagem dando idéias, sugerindo, contando o tempo da música. Nosso grupo estava finalmente se tornando um grupo de ginástica geral, o professor perde seu poder centralizador.

A montagem desta seqüência foi ótima e com a cara que a ginástica geral

deve ter: dinâmica, democrática...

Montamos neste encontro toda a primeira parte. Devido às características específicas da música, a coreografia foi dividida em cinco partes distintas, seguindo uma lógica pedagógica, do menor para o maior, do mais simples para o mais complexo, do mais fácil para o mais difícil:

- Parte 1 – movimentos individuais
- Parte 2 – movimentos em duplas
- Parte 3 – movimentos em grandes grupos
- Parte 4 – composição de elementos gráficos
- Parte 5 – final com o grupo todo

Estes alunos, como todos os alunos, demoram a se integrar na atividade, mas quando motivados são intensos e participativos. Um ponto está preocupando muito: os professores estão muito animados em serem ginastas, mas não falam sobre seus grupos na escola. Precisamos verificar.

8° ENCONTRO	
Local	salão do Clube ABRSCC
Data	16 de outubro de 2002

Além deste oitavo encontro tivemos reunidos mais duas vezes apenas para treinar a coreografia para a apresentação. Assim, não será descrito mais nenhum encontro. No anexo 6 estão descritas algumas atividades rítmicas complementares, que podem também ser utilizadas nas aulas de ginástica geral. Estas propostas foram colhidas ao longo do tempo em vários cursos, principalmente da Profa. Dra. Elizabeth Paoliello.

Observações da pesquisadora – Estávamos percebendo que grande parte dos professores não estava com os grupos de ginástica geral formados nas suas unidades escolares. Então porque estariam participando do curso? Segundo a Resolução SE nº 121, de 19.06.1990, existem dois tipos de ações no processo de aprimoramento do professor. Uma do tipo Curso, que não podem ser realizada no horário das aulas e outra do tipo Orientação Técnica, que pode ser realizada no horário de trabalho através de reuniões, palestras ou outras formas. Nosso curso se encaixa na modalidade de orientação técnica.

Durante a realização das atividades ao longo dos encontros notamos que alguns professores ficavam sentados conversando e não participavam ativamente em nenhum momento. Notamos que eles se utilizavam da 121, como a resolução acima é comumente chamada, para estarem no curso. Isto me incomodou.

Como a possibilidade de utilizar as 121 se esgotou não podemos realizar mais nenhum encontro oficial. Havíamos planejado inicialmente seis encontros, até este momento já excedemos dois e planejamos nos encontrar pelo menos mais duas vezes

apenas para ensaiar as coreografias para o festival. O conteúdo que deveria ser trabalhado durante o curso já foi concluído.

VISITAS

O projeto previa, além da orientação durante os encontros, a possibilidade de visitas periódicas. Esta visita não era obrigatória, sendo somente realizada quando solicitada pelos professores que desejavam ter um acompanhamento maior de seu trabalho.

As visitas compreendiam:

- observação do trabalho realizado, pela pesquisadora
- auxílio direto aos professores e grupo de alunos através de idéias, críticas, comentários e sugestões, somente quando solicitado e possível
- observação do local, das condições físicas e materiais
- observação da dinâmica e liderança do professor

Estas visitas foram, em sua maioria, extremamente agradáveis. Esta parte do projeto foi bem interessante, pois permitiu os ajustes necessários e o contato com a realidade do professor.

Escola A

1ª visita – 17 de junho de 2002 – esta escola situada na região central de Campinas, foi a primeira que solicitou a visita da pesquisadora. A escola funciona em um prédio histórico e bem conservado. O local escolhido para a realização das atividades foi um pátio amplo, mas que fica sempre cheio de alunos nos horários de intervalo e troca de período. Foi em um horário deste que realizamos nossa visita. O grupo ainda estava sendo formado e este encontro serviu apenas para que conversássemos a respeito do que seria a ginástica geral. Neste dia a professora não realizou nenhuma atividade, pois o som apresentou problemas e não funcionou. Por problemas de equipamento não fizemos nenhum registro fotográfico desta visita.

Escola B



Figuras 42 e 43– grupo de ginástica geral da escola B

1ª visita - agosto de 2002 - Elas realizavam as atividades em uma quadra aberta, em excelente estado de conservação. O som utilizado é ótimo. A escola não tem sala para guardar material de educação física, alguns poucos materiais como bolas e cordas ficam na sala dos professores.

A professora estava preparando dois grupos para o festival: um com meninas de 5ª a 8ª séries e outro com meninas menores, de 1ª a 4ª série. Como pudemos notar o grupo é estritamente feminino.

Iniciamos a nossa observação pela coreografia das mais velhas, realizada com bandeiras brancas e azuis. Algumas integrantes estavam sem material por fatores financeiros. A professora realizou um excelente trabalho, pois logo no primeiro contato pudemos observar vários pontos positivos. Além da organização do grupo, pudemos ver que se tratava de uma turma alegre, contagiante, com uma coreografia montada com muito dinamismo, várias formações coreográficas, ou seja, uma excelente ocupação espacial. Foram sugeridas apenas algumas modificações em relação ao material e à inclusão de algumas categorias de movimentos que não apareciam na coreografia como: balanceios,

giros. Pela falta de experiência pedimos que a professora desenvolvesse um trabalho de exploração do material.

Ao final, notamos que as meninas ficaram muito orgulhosas de receber a visita. Ouviam atentamente a todas as explicações.



Figuras 44 e 45 – grupo de ginástica geral da Escola B

2ª visita – 14 de novembro de 2002 - voltamos um mês depois. O grupo continuava animado e mais coeso. Eles mostraram o resultado do trabalho, pareciam outras composições coreográficas. Na composição de bandeiras, todas as meninas já estavam com o material, cortados no mesmo tamanho. Padronizaram com que mãos segurariam o material em cada um dos movimentos. A variação de movimentos e a execução estavam ótimas, elas melhoraram muito mesmo, estavam mais seguras. Verificamos a tentativa, bem sucedida, de inclusão de uma menina cadeirante.

A composição com macarrões dos meninos menores estava maravilhosa. Utilizando todos os elementos que compõem uma atividade de ginástica geral levantados durante o curso de capacitação, utilizaram até uma música sugerida em nossas atividades. Os integrantes saltitam o tempo todo. Uma coreografia alegre, inclusiva, com uma transição dinâmica das formações coreográficas, variação de movimentos e muita ginga. Os alunos

contagiam a todos com a graça e incorporam o ritmo e dançam com o corpo todo. Estavam sempre sorrindo apesar da seriedade com que encaram o treino. Eles espelham o que a professora transmite ser, uma pessoa alegre, presente, atuante e muito carinhosa com seus meninos. Uma professora que exerce o papel que se espera nesta metodologia. Foi realmente muito bom ver o grupo desta escola.

Escola C



Figuras 46 e 47 – grupo de ginástica geral da Escola C

1ª visita - 20 de outubro de 2002 - a escola fica na periferia de Campinas. Para treinar eles utilizam um pátio coberto. Possuem uma sala materiais de educação física, que apesar da quantidade e variedade, é muito desorganizada. É um grupo formado por 18 meninas e estão criando uma composição com arcos. O grupo estava animado, participando bem das atividades e aparentando ser alegres e dispostas, auxiliando muito a professora quando solicitadas.

Como pudemos observar pela falta de manejo com o aparelho, as alunas tinham pouco contato com o material e não executavam movimentos considerados típicos com o material. Segundo Souza, Toledo & Palermo (1998 – p.15) os elementos corporais que

podem ser realizados com o arco são:

- Rolar – sobre o solo e sobre o corpo
- Rotação
- Circundução
- Balanceamento
- Movimentos em oito
- Passagens sobre o arco e dentro do arco
- Prensar, lançar, quicar e arrastar

Elas estavam apenas segurando o arco com as duas mãos, oferecemos então a vivência de novas possibilidades de movimentos. Elas ocupavam bem o espaço realizando muitas formações coreográficas. Um grupo excelente.

2ª visita – fui convidada a retornar na escola para assistir uma série de apresentações de



Figura 48 – sala de materiais de educação física da Escola C

dança e ginástica, entre elas a composição com arcos. O “festival” foi organizado por alunos voluntários do ensino médio. Nesta visita fomos apenas para assistir os trabalhos sem interferir em nenhum momento.

Escola D



Figuras 49 e 50 – grupo de ginástica geral da Escola D

1ª visita – 30 de outubro de 2002 - a escola fica em Joaquim Egídio, um distrito de Campinas. A escola é muito arrumada e conservada e aparentemente o nível social das crianças não é baixo. Eles trabalham em um grande pátio coberto. O material de educação física é guardado no banheiro junto à sala dos professores. É de pouca variedade e quantidade. A professora montou um grupo muito bom de ginástica geral, misturando 11 meninas pequenas com 12 grandes. A sua composição coreográfica foi realizada sem material e utilizava elementos da ginástica artística, acrobática e dança. Auxiliamos o grupo em relação às formações e à variação de elementos corporais, incluindo a técnica das pirâmides.

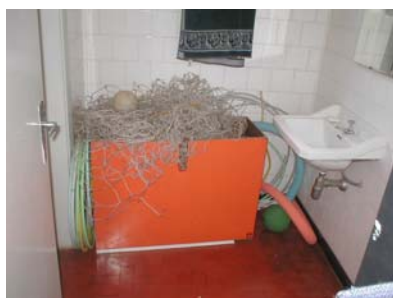


Figura 51 – sala de materiais de educação física Escola D

Escola E



Figuras 52 e 53 – grupo de ginástica geral da Escola E

1ª visita – 13 de novembro de 2002 - a escola fica em uma região mais central de Campinas. O grupo trabalha em dois lugares: em um amplo pátio coberto ou em uma quadra também coberta. O estado geral de conservação da escola é péssimo. É toda pichada, com mato alto, grades e muitos cadeados. Está depredada.

O grupo é grande, cerca de 40 alunos de 5ª a 8ª série, com a presença de meninos, mas aparentemente, um grupo flutuante. Não conseguimos entender como ele era formado, se era um grupo de ginástica geral ou se era um agrupamento de alunos. Quem participava da atividade ganhava um ponto na média de matemática e 10 de participação em português.

O grupo estava tentando montar uma composição com barangandão. Durante a visita pudemos notar uma desorganização total. A professora passou o período todo que estivemos lá, fazendo barangandão, enquanto três alunos tentavam conduzir a atividade. Alunos entravam e saíam o tempo todo da coreografia. Não conseguimos auxiliar de jeito nenhum, nem conseguimos tirar fotos.

2ª visita – 14 de novembro de 2002 – tentativa 2 – a desorganização continuava, com muita

fala e pouca ação. Como pudemos notar nesta segunda visita, a ela faz parte deste grupo. A professora nos vê como a salvadora da coreografia. Mas o nosso papel era apenas auxiliar nas dificuldades, dar algumas sugestões e não ficar no papel da professora. Não conseguimos ainda ver a coreografia inteira. Analisando, a coreografia tem a cara da escola, meio abandonada. Muitos alunos assistindo, sem uma direção presente. Será este o tempo dos alunos? Ficamos ali observando tentando encontrar no meio de tanta bagunça algum princípio de organização.

Apesar de ausência de regras a prática da ginástica geral não deve ser confundida com bagunça. Como já citamos anteriormente, o professor deve exercer um papel fundamental frente ao grupo de trabalho. Na nossa metodologia ele deve exercer um papel de conciliador, e conciliar significa também conduzir, estabelecer objetivos e ajudar o grupo a vencer desafios. Deve ter um papel de aglutinador.

A coreografia de barangandão, como foi dito, não estava boa, ou seja, se observarmos atentamente não seguia alguns princípios para a realização de uma coreografia de ginástica geral, como os que foram levantados durante o curso. Eles ficavam parados muito tempo, explorando pouco o material. Ela estava sendo montada apenas por três alunas que não aceitavam opinião dos outros integrantes, nem a nossa. Não era uma composição participativa. Durante a apresentação essas meninas realizavam alguns movimentos sozinhas, mas sem nenhum grau de dificuldade ou originalidade. Esta parte poderia ser retirada. São poucas as formações coreográficas, assim como a variedade de movimentos. A música não ajudava, o grupo não era participativo.

No mesmo horário do ensaio do grupo de ginástica geral, estava reunido um grupo de break com rapazes maiores. Começamos a conversar com eles e sugerimos que entrassem para o festival também. Observamos a coreografia deles e sugerimos algumas mudanças, a intenção inicial era que eles integrassem o grupo de ginástica geral, valorizando a coreografia de barangandão. Esta junção não aconteceu, pois no festival eles se apresentaram separados.

Escola F



Figuras 54 e 55 – grupo de ginástica geral da Escola F

1ª visita – 14 de novembro de 2002 - a escola fica em uma região nobre de Campinas, no bairro do Cambuí. É conservada, ambiente limpo sem sinais de depredação. A diretora da unidade é ativa e apareceu durante a visita. O som é bom e o grupo ensaiava em uma quadra coberta. O material de educação física fica guardado em uma sala anexa ao ginásio, que inclusive tem arquibancadas.

O grupo de ginástica geral era formado por 10 meninas, que criaram uma seqüência com bandeiras do Brasil confeccionadas em TNT. A professora, muito dinâmica, montou a coreografia com o auxílio das alunas. Ela organizou seu grupo bem e mobilizou algumas para cuidar do vestuário. A composição, apesar de feita com muita vontade e empenho, precisou ser melhorada em relação à variação de movimentos. Como pudemos observar também nas outras escolas visitadas, os elementos corporais realizados com os aparelhos portáteis ainda não são explorados de forma plena. Falta conhecimento, possibilidade de exploração plena dos materiais.



Figuras 56 e 57 – sala de materiais de educação física da Escola F

FESTIVAL

O ***I FESTIVAL DE GINÁSTICA GERAL DER CAMPINAS LESTE*** foi realizado no dia 18 de novembro de 2002, no Clube ABRSSC em Campinas (SP).

O regulamento que regeu o evento (anexo 3) foi baseado no regulamento da Confederação Brasileira de Ginástica para a participação de grupos brasileiros em Gymnaestradas Mundiais.



Figuras 58 e 59 – apresentações realizadas no festival



Figuras 60 e 61 – apresentações realizadas no festival

Este evento teve como principal objetivo promover o encontro entre as escolas e professores participantes deste projeto e oportunizar que os grupos apresentassem as seqüências elaboradas durante este período. O programa teve a duração de 1h30m com a participação das seguintes escolas:



I FESTIVAL DE GINÁSTICA GERAL DER CAMPINAS LESTE

	ESCOLA	MATERIAL	No de alunos
01	Desfile das escolas		
02	Escola F	Bandeiras	9
03	Grupo dos professores	Deslocamentos	25
04	Escola B	Macarrão	27
05	Escola E	Barangandão	24
06	Escola B	Bandeiras	8
07	Escola G	Lenços	28
08	Escola H	Bastões	18
10	Escola I	Bastões/Barangandão	16
11	Escola E	Dança de rua	5
12	Escola J	Fitas	7
13	Escola A	Bastões	12
14	Escola D	Mãos livres	23
15	Escola C	Arcos	18
16	Grupo dos professores	Macarrão	23

Quadro 07 – grupos participantes do I Festival de ginástica geral DER / Campinas Leste em 2002

Como podemos analisar no quadro acima a maioria dos grupos compôs sua coreografia com a utilização de algum material portátil. Pudemos apreciar neste festival

composições com: bandeiras (2), macarrão (2), barangandão (2), lenços, bastões (3), fitas e arcos. Três das 15 coreografias apresentadas foram realizadas sem nenhum implemento. Dos sete materiais utilizados três foram explorados durante o curso.

Das dez escolas participantes, seis solicitaram a visita da pesquisadora durante o processo de implantação da ginástica geral, criação ou conclusão das composições coreográficas. Nenhum grupo participou com danças vistas em televisão ou da moda.

O grupo formado pelos professores apresentou duas composições: a dos deslocamentos com 25 participantes e a dos macarrões com 23 professores.

No encerramento, vimos o fruto de um trabalho: a participação efetiva de 10 escolas e 243 ginastas, além dos professores colaboradores e do auxílio da assistente técnico-pedagógico da DER/Leste de Campinas.

DEPOIMENTOS

Para servir como roteiro dos depoimentos foram formuladas cinco perguntas que abrangessem e avaliassem todo o processo vivenciado pelos professores e seus grupos. Dos 10 grupos que se apresentaram no festival, 6 participaram de todas as etapas propostas que incluíam: a participação no curso e ter recebido a visita da pesquisadora em sua escola. Destes 10 professores, 4 se prontificaram e se disponibilizaram a realizar o depoimento. Consideramos que estes professores apresentaram um excelente trabalho e que representam o processo desenvolvido neste projeto.

Estes depoimentos foram gravados em fitas K 7 e depois transcritos. Após este processo foram destacados os pontos relevantes.

Na primeira pergunta, o professor deveria relatar como havia sido a sua experiência com ginástica geral ao longo do projeto. Para todos os professores, a experiência com esta atividade corporal foi altamente positiva. Pudemos perceber pelo conteúdo de suas respostas que a maioria dos professores conseguiu captar e desenvolver a ginástica geral, em suas unidades escolares, baseada nos princípios norteadores, que foram descritos por Souza (1997).

Para a professora da escola B, a experiência com a ginástica geral ampliou o leque de conhecimentos possíveis de serem desenvolvidos na educação física escolar, a diversidade cultural também levantada pela professora da escola C.

Foi verificado que a ginástica geral possibilita a transferência de experiências anteriores para o desenvolvimento de uma nova proposta de atividade. A professora B acredita que isto seja um fator resultante da motivação e estímulo à criatividade. A experiência com a ginástica geral também foi considerada inovadora pela professora E.

A professora da escola D acredita que na sua experiência com a ginástica geral, os alunos puderam vivenciar valores humanos como a responsabilidade para com o grupo e para com o outro. Outro ponto norteador verificado por esta mesma professora foi a importância do envolvimento da comunidade escolar no projeto.

Podemos considerar assim, que a experiência com a ginástica geral foi altamente positiva para estes professores, tendo atingindo os objetivos da atividade.

Na questão dois foi solicitado que os professores levantassem os pontos mais relevantes verificados no processo, fossem eles positivos ou negativos. Um fato muito interessante, em relação aos pontos negativos foi relatado pela professora da escola B. A primeira e única dificuldade levantada foi a questão financeira. Segundo ela, ao propor um material para uma coreografia, muitas alunas deixaram de participar da apresentação, pois não conseguiram comprar o material. Situação idêntica, vivenciada pela pesquisadora, que foi descrita no primeiro capítulo.

A priori deparamos com um caso de exclusão, um caminho oposto àquele que deve ser traçado pela ginástica geral. No desenrolar de seu depoimento o que verificamos foi um ajuste quase imediato e uma compreensão do que realmente significa inclusão e envolvimento da comunidade escolar e não escolar em um projeto. Ao montar a sua segunda coreografia com meninas menores, a professora optou por um material mais acessível e barato. Além de possibilitar a aquisição do material por alguns alunos, ela contou com a colaboração de professores, amigos e colegas de curso (até da pesquisadora) que emprestaram o material para seus alunos, formando uma rede de ajuda e colaboradores.

Não pudemos verificar o mesmo processo de compreensão de inclusão pela escola da professora C. Um dos pontos negativos levantados foi que ela começou com

muitos alunos o projeto, mas com o tempo sobraram os mesmos de sempre, que já participam de outras atividades gímnicas realizadas na escola. Ela acredita que eles teriam desistido de participar, pois não conseguiam acompanhar os outros e acabavam desestimulados.

Uma outra dificuldade verificada por três professores (B, E e D) foi a falta de “coordenação motora” ao propor um determinado movimento. Acreditamos que esta dificuldade seja pela vivência motora anterior limitada e falta de exploração de uma diversidade maior de materiais e que poderia ser sanada com aulas de exploração e com propostas de vivências corporais variadas.

Para alguns a dificuldade também surgiu na hora de contar com a colaboração da comunidade escolar, pela falta de compreensão da atividade que estava sendo desenvolvida. Por ser uma prática nova na escola, a professora teve vários problemas na hora de contar com a colaboração dos outros professores, dos funcionários e outros alunos.

Os problemas encontrados na aplicação da metodologia foram poucos se comparados com os aspectos positivos. Entre estes os mais citados foram a possibilidade de diferentes formas de organização social, em que os papéis de aluno e professor se alternam e enriquecem a relação e com este novo formato, a construção da coreografia é responsabilidade do grupo todo, a alegria e o prazer que a prática proporcionaram, a valorização do papel do professor. Estes foram os pontos positivos mais significantes apontados pelos professores.

A terceira pergunta referia-se ao curso. Para todos os professores o curso foi muito bom, funcionando como um banco de idéias (escola C e B), que proporcionou a mudança de olhar, ensinando através da metodologia aplicada a encontrar soluções e a utilizar as idéias de todos os que estão envolvidos no processo (escola B, C e E). Foi um curso bem rico que atingiu seu objetivo de ensino, acrescentando valores e transferindo conhecimentos (escola B, C e E).

Em relação às visitas, quarta questão, também encontramos apenas aspectos positivos nas respostas de nossos entrevistados. Para todos a visita da pesquisadora em suas unidades escolares ajudaram muito no processo e que as idéias

dadas foram consideradas críticas construtivas (elogio, incentivo, valorizar os pontos positivos, instrução e não invasão) por todos. Para os alunos da escola B, este momento era uma festa e que depois as professoras percebiam claramente o crescimento dos alunos (escola B, E e C). Para a professora B outro ponto interessante foi perceber a importância da linguagem utilizada pela pesquisadora, pois ela percebeu que estabelecemos um canal de comunicação entre alunos, professora e pesquisadora, ao falarmos a mesma língua e não utilizar um discurso inatingível.

O último ponto levantado e que finalizou o processo foi o festival. Outra vez encontramos unanimidade em encontrar apenas um retorno positivo de todos os entrevistados. Para eles, o festival representou “a glória” (escola B) que possibilitou a realização de todo o processo, reconhecimento do fruto do trabalho e a sensação de mostrar uma coreografia bem feita. Eles ainda acrescentaram, que a participação foi um momento de aprendizagem (escola C e D) que propiciou a troca de experiências entre as escolas participantes. Um ponto interessante foi o diferencial sentido pelos professores por não estarem vivenciando uma situação de competição. O peso da necessidade de vencer, que muitas vezes é sentido em uma competição, deu lugar à leveza do prazer da participação, melhorando a auto-estima dos alunos (escola D e B). Para o professor da escola D, o festival ajudou a firmar a ginástica geral como uma prática corporal na escola.

Estes depoimentos foram fundamentais para a compreensão e avaliação do processo desenvolvido no decorrer da pesquisa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre ginástica geral, viver a ginástica geral, conviver com a ginástica em geral sempre foi muito natural para mim, mas escrever sobre a ginástica geral e sobre todo o processo, que parece ser tão simples, era um grande desafio. Algo inatingível. O escrever, reescrever, ler, ouvir, aprender, apreender, sistematizar não são ações habituais para quem gostava de girar, criar, inventar, sonhar, imaginar, rolar, saltar, saltitar... Além disso, o que a gente faz não é, pensava eu, digno de estudo.

O tempo mostrou que tem muito profissional interessado em conhecer o seu trabalho, em conhecer a sua metodologia, e é preciso, portanto, produzir material para quem quer trabalhar com o conhecimento que dominamos. E este trabalho foi para mim um grande aprendizado, o aprender a sistematizar, a escrever, a refletir, a ler, a escrever, a ouvir, a discutir e a escrever. Este trabalho foi fundamental para que eu pudesse crescer profissionalmente, quebrar barreiras e enxergar novos horizontes.

Durante os meses que estive em contato com os professores, com a realidade da escola estadual eu aprendi mais que ensinei, a troca constante de conhecimento, a adaptação à realidade, conhecer os professores, despertar neles o interesse por esta nova área de conhecimento.

Eu acredito que este trabalho é uma grande conquista para a área da ginástica geral. Ao fazermos um balanço verificamos que este estudo pode oferecer, a princípio, um suporte para o professor de qualquer realidade escolar iniciar um trabalho com ginástica geral. Com idéias de atividades, de materiais e principalmente da metodologia a ser desenvolvida, o professor poderá sistematizar seu conhecimento, ampliar seu universo de trabalho e possibilitar novas vivências corporais a seus alunos.

Ao iniciar este trabalho tínhamos como objetivos principais: a difusão da ginástica geral e o desenvolvimento de uma metodologia de ensino da ginástica geral na rede pública estadual. A ginástica geral não é mais desconhecida para grande parte do professorado campineiro e também é uma atividade perfeitamente possível na realidade escolar. Para o desenvolvimento desta metodologia temos alguns pontos importantes a considerar.

Primeiro, sendo a ginástica uma disciplina pouco difundida no meio acadêmico e também no meio escolar, poucos são os professores que possuem

conhecimento da área. Mesmo que o professor tenha uma excelente formação profissional ele deve estar sempre bem informado e interessado. A falta de informação, aliada a uma constante mudança de comportamento e surgimento de novas tendências de práticas corporais devem ser encaradas como um desafio constante do professor para que se mantenha atualizado e bem informado. A realização de cursos, como o desenvolvido ao longo deste projeto, devem ser estimulados pelas entidades responsáveis na formação continuada do professor. Muitas vezes, cursos servem não só para acrescentar valores como também dar segurança, prestígio e motivação para o professor continuar na quadra a na sala.

Este projeto mostrou também a importância fundamental da visita às entidades participantes em uma pesquisa. A assessoria serviu para acrescentar novas idéias, aumentar o vínculo entre a pesquisadora e aproximá-la da realidade pesquisada. Nesta pesquisa, as unidades escolares que foram visitadas se sentiram prestigiadas, muitas dúvidas foram eliminadas.

O último ponto essencial nesta pesquisa foi oportunizar que as unidades escolares participantes tivessem um espaço para apresentar o trabalho realizado ao longo de todo o processo. O festival serviu, além de uma vitrine, como uma mostra de trabalhos diferentes e possibilitou que os grupos apreciassem mutuamente os trabalhos.



REFERÊNCIAS

ADELSIN. **Barangandão arco-íris**: 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Adelsin, 1997.

AYOUB, Eliana. **A ginástica geral no contexto escolar**. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 2001. p. 30-35.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea**: perspectivas para a educação física escolar. 187 f. Tese. Doutorado em Educação Física- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, 1998.

BARRETO, André Valente Barreto. **Jogos Cooperativos e Sociedade**. [S.l.:s.n.], 2000. Texto não publicado.

BARTON, Anna. **Espírito da dança**. São Paulo: Triom, 1995. v.1

BERNI, Luiz Eduardo V. **Danças sagradas: conexão mundial**. São Paulo: Atrium, 1997.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos**: se importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos: Re-novada, 1997.

BROWN, Guillermo. **Jogos Cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**:

Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BROCHADO, Fernando Augusto; BROCHADO, Mônica Viviane. **Ginástica geral**. In: Curso Internacional de Ginástica Geral, Rio Claro: Costa, 1988.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura**: educação física e futebol. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **General Gymnastics Manual**. Suíça: FIG, 1993.

FIORIN, Cristiane Montozo. **A ginástica em Campinas**: suas formas expressão da década de 20 a década de 70. 148 f. Dissertação. Mestrado em Educação Física- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2002.

FIORIN, Cristiane Montozo. **Possíveis caminhos da ginástica geral no próximo século**. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 2001. p. 51-56.

JUEGOS COM PARACAÍDAS. Direção: José Palácios Aguilar. Colaboradores: Álvaro Rivas, Ares y Eva Candales Hermida. Realização: J.C. Pena Babío.[S.l.]: Centro Galego de Documentación e Edicións Deportivas, 1994. 1 fita vídeo (20min), son.,color, VHS.

MACGREGOR, Cynthia. **150 Jogos Não-Competitivos para Crianças**: todo mundo ganha. São Paulo, SP: Madras, 1999.

PAOLIELLO, Elizabeth. **A ginástica geral e a formação universitária**. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas: 2001. p. 25-29.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sérgio; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. **A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp**. In: Encontro de Ginástica Geral, 1,

Campinas, 1996. p. 25-32.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sérgio. **Diferentes olhares sobre a ginástica geral**: visão pedagógica. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 1999. p. 29-34.

PLATTS, David Earl. **Autodescoberta divertida**: uma abordagem da Fundação Findhorn para desenvolver a confiança nos grupos. São Paulo: Triom, 1997.

RESENDE, Carlos Roberto Alcântara. **Ginástica geral no Brasil**: uma análise histórica. In: Encontro de Ginástica Geral; I e II, 1996, Campinas: Coletâneas...Campinas: Gráfica da Unicamp, 1997.

ROBLE, Odilon José. **A ginástica geral nos limites do instituído**. In: Fórum Internacional de Ginástica geral, Campinas: 2003. p. 35-39.

ROCHA, Bráulio. **Ginástica geral**: diagramação das formações coreográficas. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 2001. p. 49-51.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado; TOLEDO, Eliana de & PALERMO, Catarina Trombetta. **Elementos básicos da ginástica rítmica desportiva**. Campinas, SP: Centro de Comunicação, Unicamp, 1998. Acompanha VHS.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. **Ginástica geral**: uma área de conhecimento da Educação Física. 163 f. Tese. Doutorado em Educação Física- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 1997.

TOLEDO, Eliana de. **Proposta de conteúdos para a ginástica escolar**: um paralelo com a

teoria de Coll. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 1999.

TOLEDO, Eliana de. **A ginástica geral como um conteúdo procedimental da ginástica escolar**. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 2001. p. 56 – 60.

UGAYA, Andresa & TRUZZI, Luciano. **Processo de composição coreográfica em ginástica geral**. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 2001. p. 149-152.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920)**. 315 f. Tese. Doutorado em Educação- Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, São Paulo, 1999.



ANEXOS

ANEXO 1 - Resolução- 142, de 14-12-2001

Dispõe sobre as sessões de Atividades Curriculares Desportivas nas Unidades Escolares da Rede Pública Estadual.

A Secretaria da Educação considerando:

- a importância da prática do esporte escolar como espaço de vivência de relações interpessoais que contribuem para a ampliação das oportunidades de exercício de uma cidadania ampla e consciente
- a relevância da participação de alunos em **atividades esportivas** competitivas ou **recreativas** como um dos fatores contributivos para a minimização da questão da violência e da aquisição de hábitos danosos ao convívio social

Resolve:

Artigo 1º - As atividades curriculares desportivas destinadas à prática das diferentes atividades de desporto se constituem em parte integrante da proposta pedagógica da escola e serão desenvolvidas na conformidade das disposições contidas na presente resolução.

Artigo 2º - As unidades escolares poderão organizar até 01 (uma) turma de atividade curricular desportiva por categoria, atividade e sexo, desde que a natureza da atividade e categoria selecionadas se justifique pela pertinência e coesão com a proposta pedagógica de que é parte integrante.

§ 1º - As atividades a serem propostas pela Equipe Escolar, após serem devidamente analisadas e avaliadas pelo Conselho de Escola serão encaminhadas à Diretoria de Ensino para a devida homologação.

§ 2º - A participação das turmas de Atividades Curriculares Desportivas nos Campeonatos Escolares se constituirá em matéria de regulamentação específica.

Artigo 3º - As turmas de Atividades Curriculares Desportivas serão constituídas de, no mínimo, 25 (vinte e cinco) alunos, em sessões de atividades organizadas por categoria e atividade de esporte e desenvolvidas em até 03 (duas) aulas semanais, com duração de 60 (sessenta) minutos cada.

Parágrafo único - Caberá aos docentes de Educação Física, a organização das diferentes turmas de atividades que poderão ser constituídas com alunos dos diversos turnos de funcionamento da escola e, quando possível, de diferentes níveis de ensino.

Artigo 4º - As aulas dessas atividades serão desenvolvidas:

I - preferentemente, aos sábados

II - ao longo da semana em horário diverso ao das aulas regulares dos alunos e sem comprometimento da dinâmica das atividades previstas pela proposta pedagógica para aquele período de funcionamento da escola, podendo ocorrer inclusive no período noturno.

§ 1º - As aulas das turmas de Atividades Curriculares Desportivas estarão compondo a jornada de trabalho docente e somente poderão ser atribuídas ao professor de Educação Física cuja jornada de trabalho docente já tenha sido constituída, com pelo menos 80 % de aulas desse componente.

§ 2º - Somente em caso de não aceitação pelo(s) professor(es) de Educação Física da unidade escolar, as aulas dessas atividades poderão ser atribuídas a outro docente devidamente habilitado e, na conformidade das diretrizes estabelecidas pela resolução de atribuição de aulas.

Artigo 5º - Os alunos das Atividades Curriculares Desportivas não poderão ser dispensados das aulas regulares de Educação Física.

Parágrafo único - As atividades Curriculares Desportivas por integrarem a proposta pedagógica das unidades escolares e à semelhança dos procedimentos aplicados aos demais componentes curriculares, deverão ser:

- a. objeto de controle de freqüência dos alunos
- b. rotineiramente acompanhadas em seu desenvolvimento pela coordenação pedagógica da escola e
- c. submetidas a avaliações devidamente formalizadas em relatórios circunstanciados, a serem encaminhados semestralmente à Diretoria de Ensino, a fim de se constituírem em indicadores responsáveis por sua manutenção ou interrupção.

Artigo 6º - Esta resolução entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário, em especial, aquelas contidas na Resolução SE nº 275/93.

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO 1

Nome _____

Escola _____

Séries _____

Telefone _____

E-mail _____

A escola em que você trabalha possui os itens abaixo relacionados? Utilize os espaços para algum comentário pertinente. A sua resposta servirá para nos auxiliar no projeto. O primeiro item é em relação ao espaço que você utiliza habitualmente para a prática das atividades físicas em sua escola, aquele seu lugar predileto para das aulas.

QUADRA () sim () não

Descreva como ela é:

PÁTIO () sim () não

Descreva como ele é:

GINÁSIO () sim () não

SOM () sim () não

MATERIAIS (colchões, aparelhos portáteis, bolas,)

Você tem alguma experiência anterior em ginástica geral?

Você costuma realizar alguma atividade de demonstração na sua escola? (apresentação dos alunos em datas comemorativas, festas juninas, danças...)

ANEXO 3 – REGULAMENTO DO FESTIVAL



REGULAMENTO

Artigo 1º - O presente Regulamento objetiva normatizar a participação, a organização e a realização do I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste.

Artigo 2º - Este Festival tem por objetivos:

- Difundir a ginástica geral na cidade de Campinas.
- Motivar as escolas da rede pública estadual a praticarem e participarem de eventos da ginástica geral.
- Ampliar o número de praticantes e apreciadores da ginástica geral.

Artigo 3º – A organização geral do I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste, será de responsabilidade da Diretoria de Ensino Campinas Leste, com a supervisão da Profª. Cláudia Mara Bertolini.

§ 1º – Este festival vinculado ao programa de mestrado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP: “*Ginástica geral: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino*” – Profª. Cláudia Bertolini, sob a orientação da Profa. Drª. Elizabeth Paoliello.

§ 2º – As escolas participantes deverão participar de todo o processo descrito pelo projeto de pesquisa:

- a) a presença no curso de capacitação em ginástica geral
- b) a aplicação da metodologia nos grupos de ginástica da escola com a assessoria da pesquisadora
- c) a participação no festival com a apresentação de uma coreografia
- d) participação em todo processo de avaliação do projeto

Artigo 4º – O I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste terá a seguinte programação geral: Desfile de Abertura, Apresentações dos grupos das escolas e professores e apresentação de Encerramento.

Artigo 5º – O I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste deverá seguir o seguinte protocolo:

- a) Desfile das escolas participantes, com os respectivos painéis de identificação, em ordem alfabética
- b) Palavras da Profª. Beatriz Irene Alves - DER Campinas Leste (máximo 3min)
- c) Palavras da Profª. Drª. Elizabeth Paoliello - UNICAMP (máximo 3 min)
- d) Palavras da Profª. Cláudia Bertolini (máximo 3 min)
- e) Hasteamento da bandeira do Brasil, ao som do Hino Nacional Brasileiro
- f) Apresentações de ginástica geral definidas pelo Comitê Organizador (máximo 1 hora e 15

minutos)

Artigo 6º – As apresentações dos grupos participantes deverão refletir o vasto domínio da ginástica geral em toda a sua diversidade. Deverão apresentar características gímnicas claras. Estão excluídas deste evento, apresentações de ballet, dança, country, pagode, samba, danças da moda, dança moderna, etc.

Artigo 7º

§ 1º – Poderão participar I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste apenas os grupos das escolas públicas estaduais, cujos professores responsáveis, participaram do Curso de Capacitação em ginástica geral, e que se utilizarem da metodologia apresentada para a aplicação da ginástica geral em sua escola

§ 2º – Não há limite de idade para participação

§ 3º – Não há exigência técnica de qualquer tipo

§ 4º – As coreografias a serem apresentadas poderão ser executadas por ginastas de ambos os sexos, simultaneamente ou separadamente

Artigo 8º – Cada grupo poderá inscrever no máximo uma coreografia

Artigo 9º – Os grupos inscritos, deverão mostrar suas apresentações com o número mínimo de 10 (dez) ginastas ativos

Artigo 10º – As coreografias poderão ser realizadas a mãos livres ou utilizando qualquer tipo de material, sempre procurando formas originais de expressão.

§ 1º – Cada coreografia inscrita, na qual os ginastas utilizem qualquer tipo de material ou não, terá a duração máxima de 5 (cinco) minutos.

Artigo 11º – As músicas das coreografias inscritas deverão ser apresentadas a Prof^a. Cláudia Bertolini, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias da data do evento.

§ 1º - Cada música, de cada coreografia inscrita, deverá estar gravada em um CD

§ 2º – Na caixa de cada CD e também no próprio CD enviados, deverá haver o nome do grupo e o título da coreografia inscrita

Artigo 12º– Durante o I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste, cada grupo assumirá inteira responsabilidade sobre os ginastas e em particular sobre os jovens ginastas participantes

Artigo 13º – Os casos omissos neste Regulamento serão avaliados e decididos pelo Comitê Organizador do I Festival de Ginástica Geral da DER Campinas Leste.

ANEXO 4: TERMO DE COMPROMISSO



TERMO DE COMPROMISSO

Comprometo-me durante o 2º semestre de 2002 a participar da pesquisa de mestrado *“Ginástica geral: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino”* da Profª Cláudia Bertolini, sob a orientação da Profª. Drª. Elizabeth Paoliello, vinculada ao programa de mestrado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Esta participação compreende:

- a presença no curso de capacitação em ginástica geral;
- a aplicação da metodologia nos grupos de ginástica da escola com a assessoria da pesquisadora;
- a participação no festival com a apresentação de uma coreografia;
- participação em todo processo de avaliação do projeto.

Campinas, agosto de 2002

Nome do(a) professor(a)

Nome da escola

ANEXO 5: ROTEIRO DE PERGUNTAS DOS DEPOIMENTOS

1. Como foi a sua experiência com a ginástica geral?
2. Quais foram as maiores dificuldades e facilidades encontradas para a implantação deste projeto?
3. O que você achou do curso?
4. E das visitas?
5. Como foi a participação no festival?

ANEXO 6: ATIVIDADES RÍTMICAS COMPLEMENTARES

Objetivos Gerais:

- Criar uma linguagem comum de movimentos
- Promover a integração entre os participantes
- Propiciar a todos o momento de liderança, através da ludicidade, o respeito às suas idéias, a criação de seqüências de movimentos integrando com música e espaço
- Despertar para os aspectos que integram os movimentos
- Trabalhar com o ritmo individual e grupal
- Desenvolver uma pequena seqüência coreográfica com ludicidade, quebrando o gelo e possíveis barreiras em relação às atividades rítmicas
- Trabalhar com a cooperação e estimular o contato com pessoas diferentes.

Atividade complementar 1	
CAMINHAR E CONGELAR	
<i>Descrição da atividade</i>	Solicitar que o grupo se desloque livremente pelo espaço. Quando a música cessar, pedir para que todos congelem. Permanecer até que a música recomece. Depois de cada congelamento desafiar aos participantes que: ocupem todo o espaço andem mantendo o olhar fixo em alguém, cumprimentando a pessoa congelem ocupando muito espaço, pouco espaço, todo reto, todo torto, engraçado... observem o espaço e caminhar com os olhos fechados e braço estendidos à frente caminhem e a cada 8 tempos executar uma meia volta completa, ou movimentos diferentes....

Atividade complementar 2

IRMÃOS SIAMESES

Descrição da atividade

Dois a dois (inicialmente), andar lado a lado, como se estivessem colados pela lateral do corpo
O professor pode intervir desafiando que:
ocupem todo o espaço, variando a direção e o sentido
colem outras partes do corpo, como a cabeça, a(s) mão(s), a barriga, um dos dois feche o olho e continue o deslocamento através apenas do contato corporal e da sensibilidade
formem grupos siameses de 3, 4,...pessoas
quando formar octetos, o grupo deverá erguer um pessoa
quando o grupo, de qualquer tamanho, estiver formado, limitar o número de pés, ou especificar as partes do corpo que deverão estar em contato com o solo. Aumentando a dificuldade e o contato físico espontâneo entre as pessoas

Atividade complementar 3

GESTOS DESPORTIVOS E PROFISSÕES

Descrição da atividade

Dividir a turma em grandes grupos de 6 a 10 pessoas (depende do número total de participantes), e pedir para que se coloquem em uma das laterais da sala ou quadra. Os deslocamentos deverão ser realizados seguindo a orientação do professor. Estas passagens podem ser imitando gestos desportivos, profissões, bandos de animais, cenas do cotidiano.
A cada passagem ou seqüência de passagens dos grupos, o professor poderá lançar o desafio:
Completando a seqüência, o primeiro grupo passa com um movimento, o segundo repete e completa com o seu....

Atividade complementar 4

TOALHAS

Descrição da atividade

Após um aquecimento e alongamento opcional com as toalhas, cada grupo deverá estender a sua toalha no chão. quando a música iniciar, todos deverão dançar de acordo com o ritmo, ou alguma solicitação especial (mexendo os braços, rodando, saltando...) Quando a música parar, cada grupo deverá retornar rapidamente para a sua toalha e deverão ficar todos em cima dela, para que o tubarão não os pegue. pedir para que o grupo dobre a toalha ao meio, pois o tubarão é tão feroz que conseguiu abocanhar um pedacinho da ilha. iniciar novamente a brincadeira e a cada vez que a música parar, pedir que dobrem a toalha ao meio. Repita isso até que todos estejam amontoados num espaço equivalente a 1/2 folha de jornal.

Atividade complementar 5

MARIONETE

Descrição da atividade

Dividir o grupo em duplas. Um será a marionete que é manipulada pelo artista. Ele imagina um fio nas articulações do seu "boneco", que deverá se movimentar e posicionar de acordo como o artista o deixou. Ao final, admirar as composições das outras duplas. Na segunda vez, o marionete se movimentará de acordo com toques que serão dadas nas diferentes partes do corpo. Onde for tocado deverá ser movimentado.

Atividade complementar
6

JOGOS DE ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS

Descrição da atividade

Ao som da música o grupo se desloca pelo espaço, todos devem estar atentos ao número falado pelo professor, que indicará, o número de pessoas que deverá compor o grupo. Este grupo deverá continuar o deslocamento. Quando o grupo formado tiver de 8 a 10 pessoas, começam os desafios.

Lançando desafios – para tornar mais lúdica a atividade e aumentar ainda mais a integração e a curiosidade entre as pessoas o professor poderá desafiar o grupo a se organizar conforme:

tamanho do pé

peso

idade

tamanho do cabelo

ordem alfabética do nome

altura

beleza.

Para formar os grupos, além de um determinado número, o professor poderá lançar mão também de aspectos gerais como:

homens e mulheres

signo

cão ou gato

campo ou praia

time de futebol

cor predileta....

Atividade complementar
7

QUEIJO SUÍÇO

Descrição da atividade

em duplas, solicitar que conforme o ritmo da música, através da movimentação livre, que um vá completando os “buracos” do movimento do outro
em quartetos, realizar o mesmo exercício, “em busca do silêncio”
em grupos de oito, “ampliar os movimentos.”
Lançando desafios – é um grande jogo onde todos são convidados a participar:
dividir em grupo 1 e grupo 2.
o grupo 1 inicia a atividade movimentando-se procurando ocupar todos os espaço tridimensionais vazios
o outro grupo, apenas observa.
na pausa da música, o grupo 1 congela
o grupo 2 é convidado a completar os buracos e congelar na posição escolhida
o grupo 1 “derrete” e sai do bloco – “queijo”
o grupo 1 é convidado a observar a estrutura que ficou.
reiniciar a música e o exercício

Atividade complementar
8

ILHAS

Descrição da atividade

Preparar a música e espalhar folhas de jornal pelo chão da sala, como “Ilhas”.

“Imaginem mar, sol, coqueiros, etc... Os espaços onde tem jornal são ilhas, e o espaço onde não tem jornal é o mar. Quando eu tocar a música, nós vamos dançar no espaço do mar, como se estivéssemos nadando. Quando a música parar é porque vem vindo um tubarão, e então todos corremos para as ilhas, ajudando inclusive os nossos amigos. Se alguém estiver abraçado com alguém que está na ilha, está na ilha também. Prontos?”

Comece a tocar a música e vá dançando junto com os jogadores. Pare a música e espere que todos estejam nas ilhas. Recomece a música e retire algumas ilhas. Pare a música. Recomece a música e retire mais ilhas. Pare. Repita isso até que todos estejam amontoados num espaço equivalente a ½ folha de jornal.